

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA



SIMONE NETO DE SANTANA OLIVEIRA

OPEN ACCESS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITOR

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

VICE-REITORA

LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE



Diretor do CCTA

ULISSES CARVALHO SILVA

Vice-Diretora

FABIANA SIQUEIRA



Conselho Editorial

CARLOS JOSÉ CARTAXO

JOSÉ FRANCISCO DE MELO NETO

MAGNO ALEX SEABRA

MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

ULISSES CARVALHO DA SILVA

Editor

ULISSES CARVALHO SILVA

Secretário do Conselho Editorial

PAULO VIEIRA

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

SIMONE NETO DE SANTANA OLIVEIRA

Editora do CCTA
João Pessoa
2022

© Copyright by GCET, 2022

Produção Gráfica e Capa

ELÍDIO VANZELLA



Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

O48i Oliveira, Simone Neto de Santana
A influência da linguagem das redes sociais no ensino de
língua portuguesa [recurso eletrônico] / Simone Neto de
Santana Oliveira. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2022.

Recurso digital (1,51MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-264-7

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Língua Portuguesa -
Redes sociais. 3. Linguagem - Novas tecnologias. I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 811.134.3:37

Elaborada por: Susiquine Ricardo Silva CRB 15/653

*Direitos desta edição reservados à: GELINS/UFS Impresso no Brasil Printed in Brazil
Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.*



Aos meus pais Carmem (in memoriam) e Luiz Carlos, por sempre me conduzirem no caminho da educação. A Elmar por todo amor, paciência e parceria durante todo esse percurso. Aos meus filhos Luiza e Antônio pelo apoio e espera constante da minha presença. Enfim, a toda a minha família. Dedico!





MINHA LÍNGUA PORTUGUESA

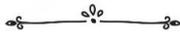
Sou Letra forte
Que sozinha, é Norte
E tudo falo
Sem rodeios nem Recortes.



Sem costuras (vogais) ao meio
Chego em todo lugar.
Na TELA vaga e fria
Sinto o calor na ponta dos dedos
Companhia presente e tão distante.



Sou a Língua,
Sou a Pátria,
Sou a Redenção
Do que nunca fui.
Espelho de uma época
Retrato da Juventude.
Sou a própria Magnitude:
Infinita, Incerta, Incompleta e Inconstante.



Sou Metade do Todo
Sou o Todo não Completo;
Sou caminho incerto
Num espaço vago.
De tudo, só a certeza
De que NUNCA estarei pronta...



Simone Oliveira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
OBJETIVOS	30
APAGANDO AS VELAS.....	31
NORMA PADRÃO:.....	34
LIBERDADE OU OPRESSÃO?	34
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:	43
DESCONSTRUINDO OS CONCEITOS DE CERTO E ERRADO.....	43
ESCRITA E PLURALIDADE DE SIGNOS LINGUÍSTICOS	52
AMBIENTES DE ESCRITA: NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA TELA... ..	57
ESCRITA VIRTUAL: “O QUE QUER, O QUE PODE ESSA LÍNGUA (GEM)”?	61
ESCOLA E TECNOLOGIA:.....	68
É PRECISO ENCONTRAR PONTOS DE CONVERGÊNCIA.	68
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	71
ANÁLISES.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	125
LISTA DE GRÁFICOS	128



PREFÁCIO

“Ouvir os sons do mundo é uma felicidade que somente os artistas recebem por nascimento. Os outros têm de aprender.”

Rubem Alves

Em uma escuta atenta do mundo e, em especial, da linguagem que circula entre diversos canais comunicativos, o presente livro traz uma descrição linguística da comunicação entre jovens na atualidade e constata que a linguagem acompanha a velocidade das mudanças do mundo e que novas formas de interação com a língua portuguesa surgem todos os dias no espaço escolar.

O ensino de língua portuguesa nesse novo tempo deve aproximar as concepções normativas da gramática ou promover um debate sobre o uso de uma gramática construída pelo falante?

Como avaliar o certo e o errado? Será necessário definir um único julgamento?

Como elucidar a existência de uma forma diferente de comunicação, sem menosprezar a norma padrão da língua materna?

São tantas perguntas que surgem diante da constatação de que a linguagem se afirma conforme um contexto, considerando dados da realidade e observando as interações linguísticas estabelecidas socialmente por um grupo específico de falantes. A linguagem que jovens estudantes



vestem, especialmente, no espaço midiático traduz a espontaneidade e criatividade que se expressa em um ato comunicativo dinâmico e descomprometido com normas gramaticais e totalmente receptivo às necessidades de se manter conectado pela revolução tecnológica e linguística promovida pelas redes sociais.

Entendendo a realidade de fala e escrita das novas gerações e suas adaptações a um contexto que exige , sempre mais, um linguajar que aproxima os pares, mas que, também, demonstra a urgência de novas estratégias para aprimorar e diversificar a utilização da língua portuguesa em diversas situações comunicativas, vale conhecer essa pesquisa minuciosa que estabeleceu, através de dados concretos de uma realidade, uma análise descritiva da influência da linguagem virtual na aprendizagem, desenhando um perfil de uma realidade latente no espaço escolar que sinaliza a urgência de um ensino mais eficiente com estratégias que reconheça a linguagem que surge frente aos estímulos cotidianos e, ao mesmo tempo, dialogue com o ensino da norma padrão da língua portuguesa.

Maria Alessandra Públio dos Santos

Professora e Coordenadora Pedagógica

Licenciatura em Letras Vernáculas

Especialização em Metodologia do Ensino da História e Cultura Africana e Indígena

Gestão da Aprendizagem Escolar

Formação em Coordenação Pedagógica



APRESENTAÇÃO

As concepções de linguagem e comunicação têm convivido com mudanças significativas por conta da realidade tecnológica e da introdução de uma variedade que incorporou à escrita outros recursos que, por vezes, substitui a palavra durante a construção desse “novo” diálogo. Por conta desse cenário diferenciado, esse trabalho de pesquisa se propôs a identificar a influência da linguagem das redes sociais no ensino de língua portuguesa no ensino médio, com o objetivo de avaliar esses traços na escrita escolar e virtual, através da análise de textos nesses dois ambientes e da análise da percepção docente a respeito do comportamento linguístico que esses alunos vem apresentando ao longo de suas produções escritas. Para constatar essa interferência, foram identificados os diferentes usos que os alunos fazem desse tipo de linguagem; se havia adequação de escrita de acordo com o ambiente de escrita; o posicionamento docente diante desse cenário de mudança e todos os fenômenos que caracterizam a linguagem virtual foram coletados, quantificados e analisados de maneira descritiva. Apoiado num referencial teórico de autores que corroboram com a ideia de estudo de língua diante de uma perspectiva diacrônica que considera o tempo histórico de cada momento linguístico, as teorias apresentadas reforçaram a ideia de que é preciso aceitar que a mudança de ambiente de escrita trouxe também uma nova estrutura textual mais sintética, mais preocupada com a rapidez de resposta e menos interessada na estética normativa e, usar esse aspecto em favor do ensino da língua estabelecendo parâmetros de comparação e adequação a cada situação de



comunicação escrita. Além da contribuição de autores como (Bardin, 2011; Marcuschi e Xavier, 2004; Lévy, 1999; Camacho, 1985; Santaella, 2007; Possenti, 1986) e outros que ajudaram a estabelecer uma conexão entre a teoria e a pesquisa de campo, foram utilizadas fontes documentais (textos escolares e virtuais) coletados em duas escolas (Colégio Estadual Áureo Filho- Ipecaetá-Ba e Colégio Viramundo- Santo Estevão-Ba) que complementaram a análise e comprovaram a hipótese inicial. A natureza da pesquisa teve cunho quali-quantitativo, realizado através de questionários e entrevistas respondidos por docentes, coordenadores pedagógicos e alunos. A caracterização da pesquisa foi feita utilizando os métodos dedutivo e dialético observando o objeto de estudo considerando a realidade que o cerca. O foco foi descritivo e exploratório devido à análise que foi feita das ocorrências dos fenômenos que ainda são relativamente “novos” e requerem maior investigação científica. Identificou-se que, de fato, há influência da linguagem virtual na aprendizagem e construção dos textos escritos dos alunos do ensino médio independente do ambiente de escrita (formal ou virtual), o que demonstra a deficiência em fazer as adequações de uso da língua culta e suas variedades. A percepção docente sobre essa realidade mostra que há uma necessidade urgente de modificação das estratégias de ensino e consideração do uso de língua e suas variedades a fim de promover, apoiado em políticas públicas, um ensino verdadeiramente eficiente de uso da norma padrão.



*“Os tais 140 caracteres refletem algo que já
conhecíamos: a tendência para o monossílabo
como forma de comunicação. De degrau em
degrau, vamos descendo até o grunhido.”*

José Saramago



INTRODUÇÃO

Para iniciar uma pesquisa sobre Linguagem foi importante que se fizesse alusão à obra produzida no Século XX sobre o Curso de Linguística Geral publicado em 1916 na França, direcionada à luz da teoria de Saussure (1913) que preconizou estudos científicos sobre a linguagem determinando um método e a língua como um objeto de estudo próprio da Linguística. Segundo Saussure (1913), a linguagem é função fundamental à comunicação.

Tendo essa premissa de que não há comunicação sem linguagem, fez-se necessário despir-se de qualquer visão preconceituosa a respeito das diversas manifestações que fujam aos padrões pré-estabelecidos pela Gramática Normativa que é guia para o que se aprende como língua culta e apreender as novas possibilidades de linguagem que surgiram por força das circunstâncias tecnológicas a que todos estão expostos.

A influência da linguagem das redes sociais no ensino de Língua Portuguesa tem sido motivo de muitos questionamentos por parte dos docentes que cada vez mais procuram meios de chamar atenção dos alunos para a necessidade de compreender e fazer uso correto da Língua Portuguesa nos ambientes formais onde é preciso obedecer às regras da norma culta.



O que se observou foi a influência que essa Linguagem das redes sociais tem no ensino de Língua Portuguesa devido a uma nova configuração de discurso que prioriza a rapidez de comunicação em detrimento de preocupação estética em seguir a norma padrão.

Num momento regido pelo imediatismo, pela comunicação ultrarrápida, o encurtamento das palavras tem sido cada vez mais frequente na linguagem utilizada nas redes sociais por alunos independente da idade, classe social, sexo ou qualquer outra condição. Os jovens, em sua maioria, são mais adeptos às mudanças quase que instantâneas que favorecem as abreviações, marca registrada que caracteriza esse novo caminho encontrado por eles para se comunicarem de forma escrita.

Diante dessa nova realidade, este trabalho teve como **tema** a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio e traz o seguinte **problema**: como avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio?

Percorreu-se um caminho para constatar se havia ou não influência dessa nova modalidade escrita virtual na aprendizagem escolar que prioriza a norma padrão e se esses alunos eram capazes de saber em que ambiente utilizar cada modalidade sem comprometimento da função de comunicar-se satisfatoriamente. Devido a essas considerações, a



pesquisa partiu do **pressuposto** de que a linguagem utilizada nas redes sociais influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio, considerando também as diversas maneiras que o sujeito leitor pode interagir/interferir nos textos a que está exposto. A proposta aqui apresentada **justificou-se** pela relevância do reconhecimento de que a linguagem culta tem convivido cada vez mais com a influência da diversidade de “textos” que se apresentam nos diferenciados ambientes de produção escrita. É necessário ensinar os padrões normativos na escola, uma vez que ainda é o que garante uma comunicação eficiente e é o que o mercado de trabalho exige em todas as situações; Mas negligenciar essa modalidade ultrarrápida e compacta de comunicação que vem crescendo de maneira contundente e incorporando vocábulos cada vez mais curtos aos textos escritos é negar esse novo caminho que a língua vem percorrendo por conta dessa nova realidade linguística. É preciso entender quais os mecanismos que garantem a interlocução e como esses vocábulos têm diminuído sem interferir no entendimento desses textos.

O **objeto de estudo** neste trabalho foi a linguagem utilizada nas redes sociais, pelos alunos do Ensino Médio e sua influência no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa. Na tentativa de encontrar as respostas para essas questões, um estudo foi desenvolvido com alunos do Ensino Médio em escolas da rede pública e privada e com professores e coordenadores que atuam nessas escolas para compreender como o uso da linguagem das redes sociais influencia, ou não, na



aprendizagem e na escrita da norma culta da Língua Portuguesa e como os docentes estão interagindo pedagogicamente diante dessa situação. Estão aptos a utilizar essa nova realidade em favor de novos planejamentos que reconheçam esse novo caminho linguístico ou estão encarando essa realidade como interferência na construção dos textos escritos de seus alunos. Esse estudo analisou os fenômenos mais recorrentes nesses textos na tentativa de confirmar ou refutar as seguintes **hipóteses** H_0 : A linguagem utilizada nas redes sociais influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio e H_1 : A linguagem utilizada nas redes sociais não influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio. Foram desenvolvidas análises descritivas dos fenômenos de supressão vocálica, de consonantização das palavras e possíveis desvios em relação à regência, concordância, ortografia e outros achados que caracterizaram a escrita virtual. Todos esses fenômenos estiveram presentes nesta pesquisa e foram comprovados através de textos escritos no ambiente escolar, da observação e análise de material cedido pelos professores e das escritas virtuais que foram acessadas em suas redes sociais de interação. Tudo devidamente documentado e autorizado por todos os envolvidos no processo.

Para viabilizar o teste da hipótese, realizou-se uma pesquisa com **metodologia** de natureza pura com foco descritivo e exploratório, utilizando os métodos dedutivo e dialético, com abordagem qualitativa e



quantitativa, realizada através de pesquisa de campo e análise dos dados obtidos e de material bibliográfico e documental.

OBJETIVOS

Avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio.

DE FORMA ESPECÍFICA

- 1- Identificar os diferentes usos que os alunos do Ensino Médio fazem da língua nos textos escritos formais e virtuais (Redes Sociais);
- 2- Descrever os aspectos positivos e negativos do uso da linguagem das redes sociais na construção da escrita dos textos virtuais dos alunos do Ensino Médio;
- 3- Analisar o fenômeno da supressão vocálica e da consonantização das palavras nos textos escritos virtuais dos alunos do Ensino Médio em suas redes sociais;
- 4- Conhecer a percepção dos docentes quanto à interferência das redes sociais na linguagem culta dos alunos do Ensino Médio.
- 5- Analisar os tipos de interferências da linguagem das Redes Sociais mais recorrentes nos textos escritos formais dos alunos do Ensino Médio. (ortografia, Regência, Concordância etc.).



IÇANDO AS VELAS...

O passo inicial dado na tentativa de compreender o objeto dessa pesquisa foi definir o que era fundamental para a comunicação desses estudantes e tentar responder a vários questionamentos que estiveram presentes durante todo o corpo desse trabalho, que foi uma espécie de mergulho ao mundo escrito dos alunos do Ensino Médio. O que para os envolvidos no processo de ensino normativo da Língua Portuguesa é essencial à produção de textos, para esses alunos podia passar despercebido, sem relevância para a interlocução que, nesse tempo de tecnologia, dá prioridade à economia de tempo de resposta para garantir uma interação dinâmica e constante entre os pares.

Outra questão interessante é que o número de pessoas que estão envolvidas ao mesmo tempo no diálogo virtual é cada vez maior o que, de certa forma, exige mais agilidade de raciocínio e emissão de resposta para garantir o direito de opinião (escrita). Ficar “preso” a padrões carregados de exceções, regras complexas, preconceito linguístico levaria ao não acompanhamento desse processo de comunicação e favoreceria uma espécie de exclusão da comunidade ora estabelecida.



Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos (ANDRADE, 2008).

À luz do trecho acima, pode-se conceber que a compreensão do que é a língua viva precisa estar atenta e aberta às novas aparências e modelos que se estabelecem para aqueles que não têm medo de ousar infringir o que é posto como padrão e que remete aos mesmos moldes de execução da língua escrita. Há de se traçar quais os caminhos percorridos para escrita dos textos nos ambientes virtuais de comunicação; quais elementos se tornam essenciais para seus interlocutores; quais regras pré-estabelecidas pelo grupo são imprescindíveis para atender aos objetivos propostos e como o entendimento do texto dessa modalidade de escrita é absorvido por seus pares de interlocução. Como não existe comunicação unilateral, é preciso que haja outro que se faça presente para que ela se estabeleça. Esse outro precisa ter algo em comum para que haja compreensão.

Há um sujeito social, histórica e ideologicamente situado que se constitui na interação com o outro. Eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade (BRANDÃO, 2001, p.12).

Tomando como base alguns fenômenos linguísticos inicialmente observados e que foram profundamente analisados no decorrer desta



pesquisa, entendeu-se que o ambiente virtual é o que mais contribui para que esses fenômenos aconteçam, o que vai fornecer material para observar como os estudantes do Ensino Médio têm escrito seus textos nos ambientes virtual e escolar e como o uso dessa modalidade de comunicação tem influenciado no ensino e na aprendizagem de Língua Portuguesa.

Não se entenda com isso, que as mudanças no campo linguístico só estão acontecendo no âmbito da escrita virtual. O que acontece é, que neste espaço, não é absolutamente necessário que haja permissão para implantação de novos códigos de comunicação. O que é primordial é que haja interação. Observa-se que entre os pares não há juízo de valor em relação à diversidade de uso da língua desde que favoreça a rapidez de comunicação. O que se pretendeu descobrir ao longo dessa análise foi até que ponto essa variação é aceita pelo grupo; quais influências têm sobre os textos dos sujeitos em outras perspectivas de uso da linguagem escrita e o porquê dos fenômenos a serem observados.



NORMA PADRÃO: LIBERDADE OU OPRESSÃO?

Muitos estudos já foram desenvolvidos a respeito dessa dualidade em relação à norma padrão e as variedades linguísticas existentes, e cada corrente defende a concepção que atende melhor aos seus anseios. O que não pode ser deixado de ser observado é a constante transformação que os falantes fazem com a língua oral e escrita em seus contextos de uso e de acordo com a carga social que cada grupo carrega. Há que se considerar que a norma culta sempre ocupou posição de prestígio sobrepondo-se às outras modalidades, pois ainda é tida como a mais apropriada para os ambientes formais de interação social. Por conta dessa concepção, a escola privilegia o ensino da variedade padrão e acaba negligenciando todos os conhecimentos lingüísticos que os alunos trazem de seus ambientes extra-escolar.

Segundo Camacho (1985), esse conflito entre norma culta e variação linguística é uma das causas do fracasso escolar de alunos socio-economicamente marginalizados. Considerando essa concepção, é mais do que coerente aceitar que alunos de baixa renda, geralmente estudantes de escola pública e sem nenhum tipo de acesso a outras experiências culturais não terão o mesmo entendimento e desempenho lingüístico de outros que têm uma realidade que favoreça contato com vários ambientes



de aprendizagem sistemática ou não. Nesse sentido, a escola não favorece os que já são desmerecidos pela natureza social em que vivem e a norma culta oferecida pelo sistema como a modalidade que possibilitaria uma melhoria da condição social desses alunos, os faz cada vez mais distantes do entendimento de uma realidade com a qual só convivem no ambiente escolar e em condições que não garantem muita aprendizagem significativa.

Camacho (1985), remete essa situação de insucesso ao fato desse modelo de educação proposto pelos órgãos controladores ter favorecido o acesso dessas camadas socio-economicamente marginalizadas sem, de fato, preocupar-se com a formação significativa dessas pessoas, ou seja, garantiu-se a quantidade mas não houve um processo de adaptação que garantisse a qualidade da aprendizagem. Como forma de burlar essa pseudo-aprendizagem, ainda sob a ótica de Camacho (1985), o que se fez posteriormente aos resultados de baixo rendimento cognitivo foi implantar a cultura da aprovação que só aumentou positivamente os índices estatísticos e continuou colaborando para a falta de oportunidade de acesso ao conhecimento dessas classes marginalizadas.

A ideia de igualdade é perversa e a falácia de escola para todos não acontece de fato, pois não acolhe os saberes de quem chega, e continua impondo um padrão único e rígido que também é necessário, mas poderia conviver com toda a diversidade linguística que compõe o universo desses jovens. Há um discurso de democratização que não condiz com a realidade encontrada nos ambientes escolares que permanecem reforçando a ideia



de que todos são “iguais”. Entenda-se “igualdade” como uma forma de não acatar a diversidade com todos os significados que essa palavra carrega (social, econômica, cognitiva, étnica, etc).

A comprovação de que a escola continua favorecendo a exclusão é a distribuição das forças produtivas como explica Machado (1983), em que os índices de exclusão e fracasso escolar não são igualmente distribuídos entre os extratos sociais, ficando as atividades de produção para os que ocupam as classes menos favorecidas e conseqüentemente, tiveram menor grau de escolaridade. Ao contrário desse grupo, estão aqueles que tiveram acesso ao ensino médio e superior e que pertencem às classes economicamente dominantes. Complementando essa ideia de cadeia produtiva vinculada à performance da escola, Althusser (1980), declara que as formações sociais de natureza capitalista precisam reproduzir suas forças de produção.

Essas forças são garantidas não apenas pela existência do salário, mas pela submissão às exigências da divisão social e técnicas do trabalho. A escola, segundo ele, vem contribuindo para esse processo como “aparelho ideológico”, ou seja, à medida que continua reproduzindo o discurso da classe dominante como verdadeiro, favorece a mesma configuração de relação de produção que, na prática é uma relação de exploração, mantendo a correlação: desigualdade de classe é igual a desigualdade escolar.



A norma padrão libertaria se a escola tivesse condições de se fazer entendida por todos e se houvesse a compreensão, por parte desses alunos, de que não se pode negar aquilo que se é porque está intrínseco a sua natureza, sem deixar de conscientizá-los de que o saber normativo possibilita participar, entender e se fazer entendido em outras esferas fora de suas realidades sociais. Daí, poder-se-ia falar em libertação e igualdade de condições.

Nos moldes em que a língua vem sendo ensinada nas escolas, o que prevalece é o domínio da norma culta que ainda é entendida por poucos, mas continua figurando absoluta como a única variedade que deve ser privilegiada e considerada correta. Mesmo que essa postura signifique continuar mascarando a falsa ideia de língua homogênea desconsiderando todos os usos que esses estudantes fazem da língua falada e escrita fora do ambiente escolar. Diante dessa distância entre o que a escola oferece e o que esses alunos trazem de experiência social, econômica e cultural, o que lhes resta é continuar na ignorância em relação a um contexto que não os inclui. O problema dessa situação é que o sistema tem absoluto conhecimento dessa discrepância e continua sem tomar posição para que uma mudança de postura aconteça e, o mais grave, é que conta com um corpo docente que, inconscientemente trabalha em favor de perpetuar essa condição de não-aprendizagem. Através dessa realidade, a escola continua contribuindo com as situações de desigualdades sociais desses alunos por conta de não cumprir com seu papel transformador e disseminador de conhecimentos significativos.



Camacho (1985), dispõe muito bem sobre um enfoque bidialetista no ensino da língua, o que significa que a norma padrão e as demais modalidades linguísticas devem conviver durante o percurso de aprendizagem de maneira tão harmônica que o indivíduo (aluno) seja capaz de entendê-las e adaptá-las às diversas situações de interlocução com sucesso. Trata-se de reconhecer o caráter de heterogeneidade da língua e a capacidade desses usuários multilíngues. Aplicar, nas escolas, a análise descritiva da língua seria mais eficiente para que houvesse comparação dessas variedades com o intuito de descartar a ideia de erro tão difundida ao longo do tempo. É aprender a língua tal qual ela se apresenta e, a partir desse entendimento, acrescentar o conhecimento normativo.

Está comprovado que o estudo normativo isolado da análise descritiva não tem sido suficiente para uma aprendizagem satisfatória, haja vista os inúmeros testes de desempenho linguísticos institucionais a que os alunos são submetidos frequentemente. Estudar regras de estruturação de uma língua sem vínculo com a prática não faz sentido e dificulta a compreensão. Essa seria uma postura que favoreceria a transformação/libertação na vida desses alunos pois os capacitaria para interação significativa em todos os ambientes linguísticos com os quais tivessem contato. A escolha das palavras e construções, segundo Gnerre (2003), também é uma forma de limitar o acesso a certos discursos para marcar ou esconder certas relações de forças. Sendo, esses indivíduos, capacitados no ambiente escolar para compreender tudo que está subentendido por traz dessa linguagem, não haverá mais exclusão.



(...) é no momento que o aluno começa a reconhecer sua variedade lingüística como uma variedade entre outras que ele ganha consciência de sua identidade lingüística e se dispõe à observação das variedades que não domina (POSSENTI, 1985 p. 85-6).

A propósito do que disse Possenti, no momento em que os alunos se reconhecerem nesse processo de aprendizagem e tomarem consciência de que sua variedade também está sendo considerada pela escola, haverá mais vontade de abrir espaço para a norma padrão e curiosidade de experimentar outras maneiras de construção verbal e escrita, não dominadas por eles até então.

Camacho (1985), traz dois conceitos relacionados aos modelos pedagógicos de ensino da Língua Padrão: O modelo de deficiência verbal, ligado ao tradicionalismo e que está baseado num conjunto de regras prescritivas de um padrão ideal que deve ser seguido por todos, considerando como erro todas as outras manifestações lingüísticas propostas pelo aluno e impondo sua substituição pela norma padrão; e o modelo de diferença verbal que, ao contrário do anterior, está ligado à sociolingüística, admitindo o caráter variável da língua com todas as nuances de maior ou menor prestígio e entendendo a norma padrão como uma dessas variantes com aplicabilidade mais eficientes às situações de formalidade lingüística. Não considera esta como modelo universal nem superior aos demais, apenas o tem como o de maior prestígio social estabelecido culturalmente pela classe dominante.



A adesão ao modelo da deficiência verbal, segundo Camacho (1985), corrobora com a ideia de substituição da variante estigmatizada que o aluno traz consigo pela variedade padrão ofertada pela escola, e induz à tentativa de erradicar o que não corresponde à língua culta; Diferente da postura anterior, o modelo da diferença verbal leva a uma postura bidialetista diante do ensino de língua, compreendendo que, para ensinar uma variedade não é necessário erradicar a outra pois ambas podem conviver e serem adequadas a cada momento de interlocução na vida dos falantes. Essa visão considera as manifestações da língua sob uma perspectiva social, aceitando a diversidade e incorporando-as à vida dos falantes. Não desmerece nem privilegia nenhuma dessas variantes, mas demonstra que o domínio de ambas é o que pode garantir a capacidade de interlocução e adequação linguística em todos os ambientes de interação.

A despeito dos dois modelos descritos acima, o de deficiência e diferença verbal, pode-se incorporar os conceitos de gramática bem delineados por Possenti (1996), compreendendo como utilizar aquele que traria mais vantagens para o ensino de língua. O primeiro conceito é o da Gramática Normativa que seria o conjunto de regras que devem ser seguidas e que comumente é o mais adotado nas escolas; Esse modelo, apesar de ainda ser usado em praticamente todos os ambientes de aprendizagem, não tem cumprido de maneira satisfatória o seu papel que é preparar os falantes para utilização da língua oral e escrita conforme todas as regras prescritas nesses manuais; Muito já foi detalhado anteriormente sobre ele.



O segundo conceito é o da Gramática Descritiva que, para Possenti (1996), é o conjunto de regras que são seguidas e que orienta o trabalho dos linguístas descrevendo ou explicando as línguas tal como são faladas sem juízo de valor. Essa concepção de ensino de língua leva em conta trabalhar com a língua viva e falada pelos usuários, exemplificando de maneira prática quais são as escolhas feitas por eles que determinam que são conhecedores de um sistema que pertencem à língua materna. Qual seria a diferença dessa para a Gramática Normativa? A priorização de tornar conhecidas as regras que esses falantes usam em suas construções dando menor ênfase à metalinguagem que é o objeto principal da Gramática Normativa. Possenti (1996) destaca que as línguas mudam e que o estudo normativo muitas vezes remete a construções que podem não estar mais em uso nem na língua escrita, o que dificulta o entendimento e a construção dos exemplos durante o processo de aprendizagem.

E o terceiro conceito é o da Gramática Internalizada que é o conjunto de regras que o falante domina, ou seja, cada indivíduo possui competências inatas referentes a sua língua materna que o capacita para construir estruturas discursivas orais mesmo antes de aprender a escrita. Essa habilidade faz com que ele nunca formule estruturas diferentes das regras internalizadas a sua língua como por exemplo: “O caiu menino hoje pequeno” (contrariando a ordem) ou “O gato latiu para o menino” (contrariando a semântica). Esse conhecimento que o capacita para distinguir o aceitável do não aceitável numa língua, Possenti (1996),



chamou de conhecimento léxico que seria o emprego adequado das palavras e o sintático-semântico que tem a ver com a distribuição dessas palavras na sentença e suas implicações no sentido da mesma.

Até para cometer “erros”, os falantes obedecem a regras. Nada é aleatório pois sempre há um padrão a seguir, mesmo que inconsciente. Após essa explanação, seria coerente entender que o ensino de língua seria mais atraente para os alunos se priorizasse o estudo descritivo associado ao internalizado em primeira mão, tendo as explicações metalingísticas como complemento e não como único meio de se chegar à norma culta.

A escola deve ser, por excelência, o lugar que possibilite a convivência das variedades múltiplas que chegam a esse espaço, sendo capaz de habilitar esses jovens ao mais amplo conhecimento da norma padrão com a perspectiva de verdadeiramente transformá-los enquanto falantes/leitores/escritores da língua materna. Acolher para libertar é fundamental.



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DESCONSTRUINDO OS CONCEITOS DE CERTO E ERRADO.

Em se tratando do objeto de estudo (linguagem das redes sociais), analisou-se diacronicamente essas mudanças que vem ocorrendo à luz da introdução das tecnologias, das novas formas de interação social considerando todos os aspectos que podem influenciar nessa formação de grupos linguísticos de rede. Esses grupos não se caracterizam nem se diferenciam por questões de sexo, idade, nível de escolaridade, etnia ou outro fator que antes era preponderante no reconhecimento dos mesmos.

O que parece que ocorre nesse momento histórico social digital, se é que se pode chamá-lo assim, é a tentativa de “igualar” a linguagem escrita de tal maneira que não se consiga distinguir quem é mais ou menos conhecedor das normas de uso da Língua Portuguesa Culta durante sua utilização nesses ambientes virtuais de interlocução.

Uma das características mais importantes das línguas humanas e mais relevantes à questão do ensino da língua materna é a diversidade linguística. Este é um ponto básico nas pesquisas e teorias sociolinguísticas e, em princípio, não precisamos de nenhuma pesquisa acadêmica formal para reparar na existência desta diversidade. Ela é evidente pela experiência de todo mundo; entretanto, em muitas sociedades, como é o caso da sociedade brasileira, a representação sociocultural da língua de certo modo oblitera essa percepção, fazendo crer que a língua de verdade não varia – ou, numa exacerbação idealizada, faz crer que a língua não deveria variar (GUY; ZILLES, 2006, p. 42).



Estabelece-se uma espécie de novo código que garante a interação de maneira muito rápida sem a necessidade de seguir a norma culta na escrita. Não há a menor preocupação em julgar nenhuma construção da língua no que se refere à ortografia, regência, concordância etc.; O que interessa à comunidade é apenas garantir a interação em tempo real e da maneira mais rápida possível. O que ainda permanece basicamente semelhante é a facilidade que os mais jovens têm de se adequar a essa escrita sem nenhuma espécie de culpa por estar “ferindo” as regras ditas corretas; e uma discreta resistência por parte dos mais velhos ou mais cultos que ainda estão presos à ideia dicotômica do certo e do errado, desconsiderando a importância da variação linguística em todo esse processo.

Um fato importante a ser discutido é que, mesmo sendo uma variante linguística, não se apresenta da maneira clássica que é a supremacia da língua oral sobre a escrita. Ocorrem fenômenos de uso escrito que são foneticamente impossíveis de serem reproduzidos na linguagem oral dos falantes da Língua Portuguesa, que necessitam do uso das vogais para articular todas as palavras desse idioma. Estaria a língua percorrendo o caminho inverso nos textos escritos em tempos digitais? Como a Linguística Histórica tem abordado essa nova realidade de uso da linguagem escrita e como as instituições de ensino têm concebido essas mudanças a fim de acompanhar e retirar delas todas as possibilidades de uso inteligente para melhorar o cenário de ensino e aprendizagem da



língua materna? Foi através desses questionamentos que se procurou as possíveis respostas ao longo dessa análise.

Não há como conceber ensino de Língua sem considerar todos os aspectos que estão inseridos e que, involuntariamente ou não, interferem na construção do discurso do sujeito. Não existe língua dissociada do contexto social e por isso não se pode descartá-lo na hora de analisar os textos construídos por cada um. Até pela questão do espaço geográfico, não se pode querer homogeneidade linguística. Aceitar a língua como um modelo estático, retira dela toda a sua capacidade de “descrever” um momento histórico, comportamentos sociais, éticos, morais e cognitivos de uma determinada comunidade.

Os estudos na área da Sociolinguística no Brasil têm demonstrado desde a década de 70 a necessidade de acolher a heterogeneidade da língua e de se despir do “preconceito linguístico” que acompanha toda essa trajetória. Esse preconceito também caminha ao lado do ensino de Língua Portuguesa com a ideia fixa de conceituar o certo e o errado no uso oral e escrito, desconsiderando todos os vieses que acompanham o uso que se faz das palavras e como se constoem os textos. Diante da realidade tecnológica e da diversidade de discursos que se apresentam nas plataformas digitais de interação, há a necessidade de desconstruir essa ideia no que se refere ao que seria aceitável ou não na produção de textos escritos. As regras que compõem a estrutura dos textos escritos nas Redes Sociais não seguem os padrões rígidos propostos pela Gramática Normativa, mas nem por isso deixam de cumprir o papel



primordial nesses ambientes que é garantir a troca de informações e mensagens e, o faz de maneira satisfatória.

Entendendo que em Análise do Discurso, o que mais interessa é observar os textos e descobrir toda a ideologia presente neles, é aceitável também que se produza a partir daquilo que se é, se vive e acredita. Não existe texto dissociado do seu sujeito e de todas as circunstâncias presentes em sua vida. O contexto é que vai determinar como ele se posiciona diante das diversas realidades.

No ambiente escolar e virtual não é diferente. O que pode ocorrer é a tentativa de adequação por parte dos interlocutores de acordo com o meio em que eles interagem. Mesmo que essa adequação não atenda completamente aos recursos considerados como "corretos" ou cultos, os sujeitos da aprendizagem têm compreensão de que precisam passear por todos os caminhos que levam à comunicação escrita. Analisar esses fenômenos da linguagem escrita das redes sociais faz conceber a língua como objeto vivo, social e que muda de acordo com o contexto histórico em que está inserida.

Para Bakhtin (1981), não se pode separar o individual do social quando se trata de linguagem, pois ela é um fenômeno social, histórico e por isso carregado de sentido ideológico. O objeto de estudo (alunos do Ensino Médio e seus textos escritos no ambiente virtual) também conversa com a concepção Bakhtiniana e essas questões foram analisadas observando todas essas condições.



Em que momento escola e professores têm estado atentos a essas mudanças de comportamento linguístico e tentado acompanhar essa evolução? Quando foi que os planejamentos pedagógicos levaram em consideração essa nova realidade? Como é o comportamento diante desses textos se os docentes também são protagonistas de escritas como a dos alunos? Esses e outros questionamentos precisam ser estudados pela comunidade escolar que cada vez mais se distancia dos interesses dos alunos por não estarem sensíveis à inserção das tecnologias de forma concreta a fim de favorecer os processos de ensino e aprendizagem. Não há como retroceder e a escola precisa "aprender" a aceitar novas propostas, seguir novos caminhos ao lado de seus envolvidos. É urgente sair da posição de comodismo e buscar essa evolução que é inevitável e que, independente da aceitação, vai continuar acontecendo em todos os lugares de aprendizagem.

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano (MARCUSCHI e XAVIER, 2005).

Essa criatividade de que fala Marcuschi e Xavier pode ser reportadas à criação desse modelo de interlocução escrita das Redes Sociais que vem se estruturando de forma a encurtar as palavras com predominância das consoantes em detrimento das vogais sejam átonas ou tônicas. O que antes era determinante de construção lexical (consoante + vogal+consoante ou consoante+consoante+vogal ou ainda



vogal+consoante) hoje já não é mais prerrogativa para construção de palavras que, mesmo não sendo aceitas como vocábulos da língua culta, figuram em todos os ambientes virtuais e são perfeitamente compreendidas por todos os usuários da rede.

A forma mais característica vem se apresentando em forma de abreviaturas ou encurtamento das palavras a exemplo de: blz = beleza, vc = você, pfv = por favor, entre tantas outras que foram observadas, catalogadas e registradas no decorrer da pesquisa, considerando todos os aspectos que levaram a essa reestruturação sintética das palavras que compõem o discurso escrito virtual.

Outro fator que gera curiosidade nessa realidade que se apresenta é que a escrita desses textos se distancia da linguagem oral no que se refere à fonética. Em todos os momentos em que houve mudanças na construção dos padrões da língua, as mesmas aconteciam acompanhando a linguagem oral. O que ocorre nesses textos virtuais é o contrário, pois estabelecem uma norma de escrita que “despreza” elementos essenciais à construção das palavras da língua materna: as vogais.

Fazendo uma rápida análise, sabe-se que não existem possibilidades de enunciar palavras da Língua Portuguesa sem o uso desses elementos fonéticos. Isso só está sendo possível na modalidade escrita e os usuários desse novo “sistema” estão cada vez mais aptos a criarem novas formas de escrever velhos vocábulos. É possível estar caminhando para a ausência de necessidade extrema de vincular a palavra escrita aos



fonemas que possibilitam a sua pronúncia. Esse modelo traria toda uma revolução no estudo da Fonética e da Fonologia.

Considerando a mutabilidade da Língua de acordo com as transformações sociais a que está constantemente exposta, quem garante que, em muito pouco tempo, essa forma diferenciada e concisa de escrever as palavras não seja aceita como uma variante da linguagem com estrutura própria?

As principais modificações promovidas nas atividades linguístico- cognitivas dos usuários, a partir das inovações tecnológicas, e como essas mudanças afetam o processo ensino/aprendizagem da língua na escola e fora dela (MARCUSCHI e XAVIER, 2005).

Um dos possíveis desencontros que podem ocorrer na utilização desses recursos é a imaturidade de percepção dos usuários diante dos diversos ambientes de escrita, o que causaria estranhamento ou certo prejuízo se os textos fossem submetidos a qualquer avaliação diagnóstica, ou seja, utilizar indiscriminadamente essa variante independente do contexto em que elas se apresentem. Em se tratando das redes sociais, não haverá julgamento meritocrático que comprometa ou legitime essa escrita, pois a única intenção é manter o diálogo. Por outro lado, a escola ainda está vinculada à norma culta e os estudantes precisam dominá-la a ponto de reconhecer onde, como e quando devem utilizá-la.

Nesse ambiente formal de aprendizagem, são apresentados ao conhecimento normativo da língua e constantemente submetidos a vários



processos avaliativos que tem como prioridade identificar o que foi apreendido e o que ainda necessita ser aprimorado para garantir a escrita tida como ideal. Àquela que será avaliada nos contextos acadêmicos (vestibulares concursos e outros). Esse modelo proposto ao longo de todos esses anos nos processos de ensino da Língua Portuguesa ainda não conseguiu garantir a plena proficiência dos alunos na língua materna culta. Por isso, é necessário entender em que momento há equívocos durante o processo de ensino e como mudar essa realidade.

Para além desse objetivo, o ensino da língua deveria também preparar o sujeito para transitar em diversos caminhos que compõem o universo da comunicação que não se estabelece apenas na sua forma escrita. O uso consciente das tecnologias é um desses vieses e aquele que não abrir as portas para a objetividade do discurso virtual ficará fadado ao monólogo, devido à urgência que se estabelece nessa interlocução. O princípio desse processo tem como uma das premissas ser rápido nas respostas para não perder o "trem" que garante a manutenção dessa comunicação.

Esse foi o escopo da pesquisa realizada: tentar descrever como essa modalidade se sobrepõe à norma culta nesses textos; entender quais mecanismos de seleção faz com que esses alunos "escolham" que expressões devem figurar em seus textos e o porquê os fenômenos de consonantização e supressão vocálica terem sido o carro chefe desse discurso escrito, desconstruindo a necessidade de se ter vogais ou



consoantes de ligação para facilitar a leitura e até a compreensão das palavras.

Saindo um pouco da estética das palavras eleitas como as prediletas nesses textos escritos virtuais, observa-se a capacidade que esses enunciados têm de serem pragmáticos a ponto de serem entendidos mesmo fugindo ao padrão que se estabelece como promovedor do bom discurso, dos textos bem redigidos. O fato de minimizar, diminuir as palavras e para isso, retirar delas elementos que antes eram considerados essenciais ao seu entendimento, acaba contribuindo para um novo conceito de palavra aceitável à Língua Portuguesa. Estariam caminhando para o aparecimento de uma gramática própria para textos virtuais? A escola seria capaz de aceitar que uma modalidade que não segue o que sempre foi tido como essencial para a compreensão dos textos seja incluída em seus planejamentos? O que vai acontecer quando tentar enquadrar esse uso à luz de normas? Será que os interlocutores vão criar outra modalidade de discurso apenas para continuarem contrariando o saber normativo? São inúmeros questionamentos que foram estudados e elucidados após a análise dos dados que foram coletados nesse trabalho.



ESCRITA E PLURALIDADE DE SIGNOS LINGUÍSTICOS

O Homem sempre sentiu necessidade de registrar suas impressões acerca do mundo em que vivia. Isso o levou a deixar desenhos e mensagens nas paredes das cavernas que resistem até os dias de hoje. Lá se vão milhares de anos e esse desejo não acabou; apenas foi se transformando com o passar do tempo. Como o objetivo dessa pesquisa não é traçar uma linha cronológica sobre as mudanças na escrita, as informações sobre essa evolução do “desenho gráfico” serão pouco aprofundadas e constam no texto de Souza (2015, p. 525-529).

Sabe-se que a primeira representação escrita surgiu por volta de 4000 a.C na Mesopotâmia com a escrita pictográfica feita em plaquetas de barro. Observa-se que se evoluiu dos registros rupestres nas paredes protegidas das cavernas para uma primeira espécie de superfície plana rústica de barro; Somente 1000 anos depois (3000 a.C.) surge, também na Mesopotâmia, a escrita cuneiforme com cerca de 2000 símbolos; Nesse mesmo período no Egito, surgem três tipos de escrita: Hieróglifos- escrita dos deuses e considerada a mais complexa das três; Hierática- utilizada em textos literários, administrativos e jurídicos e a Demótica semelhante à hierática, também usada em textos jurídicos mas com uma estrutura mais simples.



Atente-se ao fato de que, mesmo sem uma estrutura linear, uso de pontuação ou separação entre as letras até então, os egípcios introduziram três tipos de escrita e com características pré estabelecidas para cada tipo de uso. Das três escritas, a mais complexa era utilizada para representar os deuses e as representações religiosas. Todas essas construções ainda não tinham estrutura linear e se configuravam como registros simbólicos; somente em 1300 a.C., na Fenícia, surge o primeiro alfabeto escrito cuneiforme composto de 22 caracteres, apenas com consoantes. As vogais só seriam incorporadas ao alfabeto no ano 800 a.C. pelos gregos que fizeram uma adaptação ao alfabeto fenício; com eles, mudou-se também a direção da leitura da direita para a esquerda.

Só 500 anos após a fundação de Roma é que as letras começaram a ser separadas por um ponto. Esse breve relato sobre a história da escrita ao longo do tempo foi proposital para que se observe alguns pontos em comum com a escrita virtual: É importante lembrar que as primeiras formas de comunicação foram vivenciadas através de expressões figurativas (desenhos, símbolos que representavam objetos ou ações). Curiosamente, em tempos digitais, temos uma representatividade de imagens estáticas ou não que fazem parte dos textos escritos virtuais e essa simbologia própria das redes é considerada como parte do discurso escrito por seus usuários. Outro ponto a ser considerado é que o primeiro alfabeto era constituído apenas de consoantes e o surgimento das vogais só aconteceu 500 anos depois. Involuntariamente ou não, percebe-se muitas características comuns aos textos escritos virtuais que contam com



muitas representações de imagens; com construções de palavras abreviadas com predominância de consoantes e ausência de vogais. Não há, no ambiente digital, espaço para rótulos de linguagem certa ou errada; O que existe é a necessidade de comunicação ultrarápida e eficiente. Essa ausência despretenciosa de cuidado com a estética normativa pode ser vista como a valorização da comunicação e da mensagem em detrimento da preocupação com o código, as normas e tudo que remete à “prisão” da linguagem verbal, tida antes como a única ou mais eficiente maneira de se estabelecer diálogo escrito.

A noção de interação nesse ambiente digital abre espaço para os mais diversos meios de ir e vir, de navegar sobre as várias possibilidades do texto multimodal, que não se compromete apenas com a linearidade do discurso escrito verbal, abrindo caminhos para mais de um código semiótico. A linguagem é multifacetada pois corrobora com a ideia de linguagem híbrida que faz parte de todas as manifestações de interação social que compõem o universo de interlocução moderna.

Para Bakhtin (1990), a interação entre os interlocutores é o princípio da linguagem. Essa concepção leva à ideia de que todos os caminhos que contribuem para uma comunicação eficiente podem e devem ser considerados. Na era da hiperconectividade, é imprescindível saber que as pessoas, principalmente os jovens, fazem muito uso da leitura e escrita nos ambientes virtuais. Isso não significa que não tenham contato com a leitura e a escrita linear oferecida no espaço escolar. O que ainda não acontece por parte da escola é a conscientização e o reconhecimento



de que a leitura e a escrita não podem ser mais vistas como a decodificação e interpretação de apenas um código linguístico; Vários elementos foram incorporados a essa vivência da língua e não estão sendo devidamente aproveitados no processo de ensino aprendizagem no ambiente escolar.

Alterou-se a configuração de texto escrito e a escola ainda não se deu conta disso. Antes, era necessário estar diante de um material impresso para realizar a leitura e ter papel, lápis ou caneta a mão para escrever; o ato de ler e escrever era solitário e estático; hoje, a ideia de leitura e escrita é realizada de maneira dinâmica, em qualquer lugar do planeta e com utilização de uma gama extensa de recursos tecnológicos (smartphones, tablets, notebooks, pagers etc) que permitem também a interfêcia, em tempo real, de tantos quantos o leitor deseje compartilhar sua experiência de leitura/escrita. O papel ficou condicionado a ser usado com pouca frequência talvez por restringir o uso desses outros elementos que estão disponíveis no ambiente digital.

Diante de todas essas constatações, surgem alguns questionamentos a serem considerados: Que formas a escrita assume nesses ambientes virtuais de interação? Como os interlocutores estão se relacionando com as palavras na construção dos textos escritos nos ambientes escolar e virtual? Para que esses questionamentos sejam respondidos, fez-se necessário uma análise criteriosa dos textos dos alunos do Ensino Médio nos dois ambientes de escrita: escolar e virtual. Entenda-se por texto escolar, toda e qualquer produção escrita que foi disponibilizada para a pesquisa; e por textos escritos virtuais, todo material



coletado nas redes sociais dos alunos a saber (facebook, instagram, whatsapp, twitter, fóruns de interação e outros). Um caminho foi percorrido no sentido de identificar se havia ou não influência da linguagem utilizada nas redes sociais na escrita formal desses alunos no ambiente escolar; e perceber como a escola tratava essa questão de suma importância na construção de um leitor/escritor multilíngue e atualizado no tempo e espaço.

Há uma necessidade urgente de incorporar esses conceitos de leitura e escrita a uma nova visão de ensino de língua materna, no sentido de adequar as práticas pedagógicas para que os alunos se percebam como parte de um processo contínuo que vivenciam dentro e fora da escola em suas construções textuais; para que cada vez mais saibam onde, quando e como utilizar cada tipo de linguagem escrita. Dessa maneira, a escola estará contribuindo para o entendimento de que existe uma pluralidade de signos linguísticos que convivem com a norma culta, independente de serem aceitos ou não e preparando esses alunos para serem leitores/escritores multilíngues aptos a participarem efetivamente de todos os ambientes de comunicação.



AMBIENTES DE ESCRITA: NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA TELA...

O discurso que se propagou ao longo dos anos em relação aos alunos foi que eles não leem, não gostam de ler e não produzem textos ao longo de seu percurso escolar. Essa falácia não cabe mais considerando que os jovens têm ficado cada vez mais à frente das telas de seus computadores, smartphones, vídeos games em suas diferentes versões; o que significa que eles têm lido cada vez mais. E, se esses mesmos jovens (aqui interessa os alunos do Ensino Médio), têm passado a maior parte do tempo interagindo com seus pares em suas redes sociais, significa dizer que eles têm escrito muito também.

O que não está claro para os professores é que ainda não houve adequação da concepção do que é ler e escrever em tempos digitais. Fazer uso dos emojis, abreviaturas e outros recursos precisa ser considerado como escrita; ler esses mesmos símbolos e entender o recado precisa ser aceito como leitura. Não há lugar para preconceitos de qualquer natureza nesses ambientes de leitura e produção textual. “Intrusos” são os que precisam ser iniciados ou evoluir nesses ambientes para conseguir acompanhar esse turbilhão de informações, mudanças e comportamentos que se tornam obsoletos na mesma velocidade em que aparecem como novidades. Fazendo uma analogia tosca, é como se a escola estivesse utilizando as gírias de décadas passadas, em pleno século XXI, para



explicar linguagem coloquial num contexto linguístico completamente diferente. Não há como chamar atenção e concorrer com toda essa parafernália que muitas vezes coloca o professor na posição de dispensável em sala de aula.

Encontrar-se nesse processo e entender que a mudança já ocorreu, é urgente. Não há como retroceder nem se colocar na posição de adversário dessa nova realidade. Seria mais coerente tentar acompanhar essa evolução porque, involuntariamente, ela já se estabelece como realidade.

Uma vez que o objeto de pesquisa desse trabalho foi a forma como o texto é apresentado por seus interlocutores, é imprescindível caracterizar pelo menos dois "lugares" de escrita e por isso a palavra letramentos está no plural; os textos escritos que foram objetos de análise podem aparecer em dois ambientes: No papel e nas telas digitais. Segundo Soares (1998 a), esses ambientes de escrita determinam também algumas características do texto. Se até pouco tempo, tinha-se apenas o papel como superfície mais moderna para escrever, eram todos letrados para usar esse artifício e conseqüentemente o faziam com certo conhecimento.

Essa forma favorecia um tipo de entendimento tanto para o autor quanto para o leitor que contavam apenas com a linearidade de leitura e a estática daquilo que fora escrito. O que poderia mudar era a interpretação de cada leitor diante do que estava disposto no papel a depender de sua capacidade cognitiva, das suas vivências sobre o que postulava o texto e



outros aspectos que ora não são primordiais para essa análise superficial. Nesses últimos anos, o papel tem sido cada vez mais substituído pelas telas de celulares, tablets, computadores e outros afins que possibilitam vários recursos que trazem maior mobilidade e atemporalidade ao texto escrito. Este pode ser lido, revisitado, acrescido de outras conexões de informações em tempo real (hipertextos) e deixa de ser linear passando a ser multilinear.

Essa nova possibilidade que se apresenta na construção do discurso faz com que os olhares também sejam diferentes diante desses textos que deixam de ter autores “únicos” e passam a contar com colaboradores autorizados ou não a colocar suas impressões sobre aquilo que está escrito. Até a questão da autoria em tempos digitais passa a ter uma nova conotação: O que pode ou não ser considerado texto autoral diante de tantas interferências sofridas ao longo de cada leitura realizada?

O próprio conceito do que pode ser considerado como texto está diretamente ligado à diversidade de linguagens que pode ser usada para referendar a informação que se deseja passar e que pode ser traduzida em diferentes tipos de códigos de comunicação: desenhos, símbolos, números, “emojis”, sons e tantas outras formas de dizer o que antes era proporcionado aos leitores e produtores apenas através das palavras. A era digital trouxe consigo a necessidade de reaprender os diversos tipos de linguagens que incorporam o ambiente das telas com todas as suas características de imediatismo durante o processo de comunicação. Segundo Lévy (1999, p. 56), a criação de um texto fundamentalmente



diferente do texto no papel o chamado hipertexto que é, “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Esse é o grande diferencial entre o texto "de papel" e o texto "da tela" que permite o movimento em sua leitura que passa a ser dinâmica a ponto de levar o indivíduo a outros textos simultaneamente produzindo uma transdisciplinaridade involuntária que vai caminhar no ritmo de cada leitor.



ESCRITA VIRTUAL: “O QUE QUER, O QUE PODE ESSA LÍNGUA (GEM)”?

A despeito de todos os conceitos e utilidades que uma língua pode ter para seus usuários, o que seria mais importante do que possibilitar o processo de comunicação? Haveria outra tarefa a ser cumprida pela língua que a de aproximar seus pares para um diálogo oral ou escrito? O falante mais habilitado para o uso seria o que mais detém os conceitos metalinguísticos ou aquele que é capaz de adequar sua produção a qualquer momento e ambiente de interação? São inúmeros questionamentos que colocam em xeque o entendimento do que seria o uso ideal e inteligente considerando a realidade a que a língua está constantemente exposta.

Para Bakhtin (2006), “...a cada época histórica da vida ideológica e verbal, cada geração, em cada uma de suas camadas sociais, possui uma linguagem.” Segundo o autor, todas as manifestações humanas estão sempre relacionadas com o uso da língua. Ora, se a língua convive com as transformações sociais e a elas está exposta, como não ser influenciada pelo contexto e por seus usuários que também estão submetidos a essas mudanças? Se não houvesse essa permuta (língua e contexto social), estariam, os falantes, estagnados numa mesma manifestação de linguagem oral e escrita sem levar em consideração nenhuma alteração social, histórica, filosófica ou cultural. O uso da língua pela língua como se a



mesma fosse apenas a descrição de suas regras (sistema linguístico abstrato conforme Saussure) não atenta para a língua como representação histórica, cultural e social de um povo.

Entender a língua sob uma ótica diacrônica requer aceitar essa influência do meio sobre ela e, Bakhtin (2009) acata a mutabilidade e a heterogeneidade desse sistema e concebe “a língua como atividade social considerando suas necessidades de comunicação e sua natureza dialógica”.

Levando em conta todos os aspectos que permeiam as formas de comunicação a que todos estão expostos, cabe entender o percurso que a escrita tem percorrido em tempos de interação virtual. Ao longo do desenvolvimento desse estudo, levou-se em conta a escrita formal e virtual dos alunos do Ensino Médio e, nesse texto especificamente, a abordagem recai sobre a escrita virtual. Algumas considerações devem ser feitas sobre a escrita quando se trata da construção dos textos nesses ambientes virtuais por serem espaços flutuantes de escrita que não estabelecem limites de possibilidades para os autores/leitores como os textos escritos em papel apresentavam. Tem-se uma infinidade de signos que podem e são usados em favor dessa nova construção de comunicação, que já não se submete à regras como tempo, fronteiras, padrões de correção, signo escrito; Há uma necessidade de manter a natureza dialógica com um maior número de interlocutores.

Santaella (2007), fala sobre a capacidade da linguagem digital de transcodificar quaisquer códigos (textos, imagens, sons) e da permissão de



misturar todos esses elementos na produção de um novo texto escrito que aceita outras “linguagens” durante todo o processo. O que esses alunos têm feito ao longo de suas escritas virtuais confirma a ideia de multilinearidade desses textos e da “convivência” com outros elementos de interação que só podem ser utilizados nesses ambientes virtuais. Os próprios espaços de escrita (e-mails, blogs, fóruns, sites de interação e outras redes sociais) pela natureza de instabilidade e atemporalidade, possibilitaram o surgimento de uma nova linguagem escrita que representasse, de alguma forma, toda essa volatilidade em relação às informações veiculadas e seus interlocutores que, apesar da distância, se mantêm presentes na construção dos textos e interação com seus pares.

As mudanças estéticas nesses textos obedecem a uma lógica de que menos (palavras) pode significar mais e, que outros recursos não verbais podem comunicar tanto ou mais que a palavra convencional. Esse comportamento escrito ainda garante certa agilidade de resposta que não seria possível se os interlocutores usassem a variedade escrita padrão. Durante a análise dos textos escritos virtuais, várias questões foram observadas para descobrir quais as características que esses ambientes virtuais de escrita, através de seus dispositivos móveis, imprimem nessas construções; se existe alguma regularidade na linguagem nos diversos ambientes (instagram, whatsapp, foruns, e-mails, blogs etc) ou se há características peculiares a cada um deles; que formas de construções são mais privilegiadas pelos interlocutores; que normas da língua culta estão sendo desprestigiadas nessa escrita; que tipos de substituições estão sendo



feitas; se existem formas particulares a essa linguagem de manter alguma regra em relação à acentuação, pontuação, regência e concordância. Foi feito um estudo minucioso de todos esses aspectos a fim de encontrar respostas para o problema.

A maneira de usar as palavras no discurso virtual foi influenciada diretamente pela mudança do ambiente de escrita e pela necessidade de encurtar o tempo de resposta. Talvez, esse seja o motivo principal dessa nova modalidade escrita que traz à tona a economia de palavras, ao mesmo tempo que recorre a outros artifícios (sons, imagens, emojis, links etc) para ampliar a capacidade de interação e mobilidade desses textos escritos que deixam de ser fixos e passam a “navegar” por tantos caminhos quantos o leitor/escritor queira.

Se a prática de leitura e escrita desses alunos mudou consideravelmente por conta desse aparato tecnológico que passou a funcionar como uma espécie de extensão deles próprios, como manter as mesmas metodologias na escola desconsiderando essa realidade? Esses jovens estão num processo contínuo de leitura/escrita numa interatividade que desconhece limites geográficos, sociais, etários, étnicos, cognitivos, pois na rede, todos acabam pertencendo a mesma tribo e, nesse ambiente, não existem diferenças.

Reporta-se, no texto, aos jovens por conta de serem esses (alunos do Ensino Médio), o alvo de observação desse estudo; mas tem-se plena consciência de que essa realidade é extensiva a todos que utilizam essas



ferramentas de comunicação para manter suas redes sociais ativas. Talvez, o que diferece essa categoria (jovens (alunos)) das outras é a disponibilidade em aceitar a volatilidade desse ambiente que tudo pode, mesmo que nem tudo convenha. Às pessoas de outras faixas etárias e/ou com maior conhecimento e convivência com a norma padrão, resta certa prudência/resistência em relação aos usos frequentes nesse ambiente, pois estão condicionadas à ideia de “correção linguística” como sendo a maneira mais adequada de manter comunicação com seus pares. Isso não significa dizer que não façam uso desses recursos, mas o fazem em menor proporção e mesclando variedade padrão com linguagem virtual.

Segundo Bakhtin (1997, p.124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tão pouco no psiquismo individual dos falantes”. Levando as considerações do autor para o assunto em questão, pode-se entender que é na prática de uso da linguagem que ocorrem as mudanças reais e que o sistema abstrato (normas padronizadas que o compõem) não acompanha essa evolução; pelo menos não na mesma velocidade. Conforme sua concepção de língua como fato social, essa evolução não pode acontecer no campo da individualidade, ou seja, é necessário manter o diálogo do “eu” com o “outro (s)”, nesse constante processo de troca para que, havendo interação, também ocorram as mudanças ao longo do tempo histórico e social.

É importante salientar que em toda a evolução da língua, sempre houve mudança e essa transformação caminha de mãos dadas com os



contextos em que ela está inserida. Com a linguagem virtual não poderia ser diferente; é uma manifestação que tem a peculiaridade de acontecer num espaço diferenciado (ciberespeaço), com construções lingüísticas adequadas à necessidade e que acontecem de uma forma colaborativa. Mesmo sendo considerada como uma linguagem que foge ao padrão da norma culta, a escrita virtual não se constitui uma língua com regras próprias; ela se utiliza da língua que já existe e modifica seu uso de forma intencional ou não para atender ao contexto digital para qual foi criada.

Possenti (1996) declara que o papel da escola é ensinar a língua padrão e criar condições para seu uso efetivo. Para o autor, o ensino da metalinguagem não garante a aprendizagem significativa nem capacita para usar corretamente a língua. Se a perspectiva da escola é dar conta do ensino da variedade padrão sem negligenciar as outras variedades existentes na realidade desses alunos, a linguagem virtual precisa ser incluída em seus planejamentos. O que tem acontecido, é que essa modalidade de escrita tem sido considerada como a “vilã” da inaptidão textual dos alunos por conta dos vários traços que apresenta em sua composição. Mais adiante, serão apresentados esses traços e como eles têm figurado nessas construções escritas, descrevendo essa influência no processo de aprendizagem e, se há ou não adequação de uso por parte desses alunos.

Respondendo, em parte, ao questionamento proposto inicialmente: Escrita Virtual: O que quer, o que pode essa língua (gem)? pode-se dizer que a principal intenção dessa modalidade é manter a comunicação em tempo real e instantâneo, sem muita preocupação com a



estética padrão, por entender que o ciberespaço permite esse tipo de comportamento de não precisar prestar contas de nenhuma possível “subversão” em relação ao que está posto como norma.



ESCOLA E TECNOLOGIA:

É PRECISO ENCONTRAR PONTOS DE CONVERGÊNCIA.

O contexto social em que a escola está inserida, requer uma transformação nas concepções de práticas pedagógicas, de formação dos docentes, coordenadores e de todos que compõem o espaço de aprendizagem. É essencial que haja reinvenção dos conceitos e métodos que já não atendem mais a realidade dos jovens que frequentam o ambiente escolar por algumas horas e encontram nela (escola), um mundo à parte totalmente diferente do que vivem cotidianamente com seus pares. Esses alunos estão em constante uso de seus smartphones para interagir com o outro próximo e o outro virtual e a escola não tem aproveitado essa vivência linguística em favor do ensino da norma culta.

O que há é um tremendo descompasso: na maioria das instituições escolares, o ensino da norma padrão continua ignorando a leitura/escrita virtual desses alunos nos ambientes das redes sociais de interação, e os recursos tecnológicos ficam à margem como se não pudessem trazer nada de positivo nesses espaços de aprendizagem. O que poderia servir de parâmetro para o ensino descritivo e comparativo da língua, acaba sendo visto sob a ótica do prejuízo linguístico.



Atentemos para o fato de que a dificuldade de aprendizagem da norma padrão não é fato atual que ocorra apenas por conta do uso das redes sociais e de suas particularidades linguísticas. É um problema recorrente e que vem sendo perseguido por estudiosos desde que a escrita foi inventada. A escrita “diferente” das redes sociais (virtual), fornece material vasto que pode ser introduzido nas aulas de língua portuguesa com o intuito de orientar onde, como e quando pode ser utilizada; Esses mesmos elementos encontrados, poderiam ser descritos na variedade padrão com o intuito de promover o conhecimento, capacitando os alunos a reconhecer, diferenciar e saber onde usar cada modalidade.

Possenti (1996), declara que “ler e interpretar, habilita mais ao uso efetivo da língua que aprender regras de gramática” e que “o ensino da metalinguagem não garante o sucesso no uso correto da língua”. Essas duas premissas favorecem a ideia de uma abordagem descritiva do ensino da língua, explicando na prática os fenômenos que ocorrem nos textos sem a preocupação excessiva com termos técnicos (metalinguísticos). Se a essência em ser bom usuário da língua é ser capaz de ler, interpretar, produzir bons textos e adequar os usos aos diversos contextos, ter domínio de termos e regras sem as habilidades descritas anteriormente não devem estar em primeiro lugar nos planejamentos de ensino da língua padrão.

A formatação de fragmentação disciplinar existente nas escolas não corrobora com a concepção de conhecimento em rede que se estabelece em todos os espaços de aprendizagem digital. O lugar “fixo”



do ler e escrever compete em larga desvantagem com todos os espaços virtuais a disposição de todos que utilizam as redes interconectadas num espaço/tempo que nem se pode dimensionar. O sujeito leitor/escritor (os alunos), estão numa condição de onipresença em relação aos textos escritos nesses ambientes e precisam que a escola acompanhe essa evolução para que haja interesse em fazer parte dela.

O ensino de língua é mais do que parte interessada nesse processo de mudança de postura; na era digital, a velocidade instantânea com que o conhecimento passeia pela rede, requer a convivência simultânea das várias linguagens que compõem esse ambiente híbrido de informações voláteis. A escola não é mais o único meio para se obter conhecimento; A educação transcende para todos os lugares/momentos numa perspectiva que vai além dos muros da escola, e a escrita nesses ambientes é prova concreta de que muita coisa mudou e que o ensino também precisa evoluir.



PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho de pesquisa caracterizou-se tomando como base dois métodos de estudo a fim de que os dados fossem analisados criteriosamente para que se chegasse a um resultado mais consistente. Os métodos em questão foram o dedutivo e dialético, pois um (dedutivo), permitiu que a análise partisse do geral (observação do uso escrito da Norma Culta) para o particular (linguagem escrita nos ambientes das redes sociais) e o outro, (dialético) direcionou para a contextualização do objeto de estudo considerando-o racionalmente sem esquecer a realidade que o cerca e que não deve ser deixada de lado durante todo o processo.

A dinâmica de que fala a dialética de Hegel foi considerada devido à atualidade do tema estudado. Sendo ela própria, a “arte do diálogo”, fez-se necessário saber que observações e formulação de hipóteses seriam realizadas através do levantamento das ocorrências e do estudo da constatação dos fenômenos ocorridos nos textos escritos pelos alunos do Ensino Médio nas redes sociais.

A pesquisa, quanto à natureza do estudo foi pura, pois não teve objetivo de criar nenhum produto posterior à conclusão da análise dos dados. O objetivo maior foi desvendar o que estava por traz da ocorrência desses fenômenos linguísticos e como esse uso vinha influenciando no



processo de ensino da norma culta da língua portuguesa. O trabalho foi desenvolvido com elementos que podiam ser quantificados através do número de ocorrência dos fenômenos nos textos escritos e com a subjetividade dos discursos presentes nessas produções analisadas, por isso a pesquisa, quanto á abordagem, caracterizou-se como qualitativa e quantitativa, conhecida popularmente como “quali-quant”.

Quanto à quantificação dos dados, coletou-se material suficiente para análise e comparação no que dizia respeito às ocorrências dos fenômenos detectados nesse tipo de texto escrito e em relação ao número de participantes da amostragem. Como já foi explicitado anteriormente, as redes sociais dos alunos que fizeram parte da amostra foram analisadas através dos comentários escritos durante a interlocução dos mesmos com seus contatos. Uma das características positivas do método quantitativo foi a análise detalhada dos dados, o que garantiu maior confiabilidade nos resultados. Sabe-se que quanto maior for à diversidade de métodos de análise, mais condições o pesquisador tem de chegar à resolução de seu problema inicial e detectar se as hipóteses levantadas serão confirmadas ou refutadas.

O trabalho foi bibliográfico, uma vez que se fundamentou em documentos que foram desenvolvidos sistematicamente a fim de chegar ao conhecimento científico a respeito de determinado tema. Caracterizou-se como pesquisa de campo, pois necessitou de um trabalho de observação criteriosa dos fatos, coletando dados, controlando as variáveis até que se chegasse à comprovação científica;



O foco foi descritivo e exploratório. Descritivo devido à natureza da análise que procurou identificar as formas diversas em que o objeto de estudo ocorreu, rastrear quais os mecanismos que o antecederam e verificar quais os critérios de seleção das construções analisadas; Exploratório porque o tempo de aparecimento do fenômeno estudado é relativamente pequeno e sua literatura científica ainda está em andamento. Segue-se abaixo todos os caminhos percorridos para a coleta e análise dos dados:

Diante do objeto de pesquisa, não havia possibilidades de estudá-lo descontextualizado da realidade que o cerca e desconsiderando o sujeito inserido na problemática, nesse caso, alvo principal de observação junto aos dados. Após essa etapa, seguiu-se a análise, categorização e inferências a respeito de tudo o que foi encontrado que se caracterizou como um dos fenômenos percorridos.

A atenção esteve voltada para análise dos dados procurando estabelecer um padrão que justificasse sua ocorrência. O caminho foi percorrido na perspectiva de sistematizar essa mudança nos padrões de construção linguística principalmente no que se refere à fonética das palavras que tem, cada vez mais nesses ambientes de escrita, priorizado as consoantes e símbolos ao invés das vogais que sempre foram os elementos fundamentais de ligação para construção das palavras em nossa língua portuguesa.



Aplicou-se essas métodos ao objeto de pesquisa, na tentativa de compreender o que direciona a prática dessas construções escritas sintéticas no que tange à criação de novas maneiras de se escrever as mesmas palavras, numa “lógica” própria que não atende às determinações normativas e contrariam de maneira contundente a transcrição escrita da linguagem oral; Descobrir qual o caminho percorrido por esses usuários e quais as inferências que os mesmos faziam até chegar à síntese de cada palavra que está sendo modificada a fim de diminuir o tempo de escrita e resposta durante a interlocução; e compreender o que possibilita o entendimento desse diálogo mesmo com tantos “desvios” em relação à norma considerada culta.

Em relação aos objetivos, o trabalho de pesquisa compreendeu uma série de caminhos que direcionaram sua análise e viabilizaram resultados mais confiáveis. De acordo com Oliveira (1997), toda pesquisa é bibliográfica, de campo e documental. Uma vez que deve ser fundamentada em documentos que foram desenvolvidos sistematicamente a fim de chegar ao conhecimento científico a respeito de determinado tema. São de campo, pois necessitam de um trabalho de observação criteriosa dos fatos, coletando dados, controlando as variáveis até que se chegue à comprovação científica; A pesquisa documental diferencia-se fundamentalmente da bibliográfica, pois aquela se utiliza de materiais que ainda não tem análise sistemática (neste caso, os textos/comentários de interação extraídos das redes sociais dos alunos).



Em se tratando de Variação Linguística, é importante trabalhar com dados que devem ser descritos e analisados considerando todas as variáveis que contribuem positiva ou negativamente para a sua construção, procurando situar o sujeito de uso no seu tempo e espaço.

CAMPO EMPÍRICO

Antes de iniciar a coleta e análise dos dados, é necessário situar onde o presente trabalho foi realizado, quais os sujeitos envolvidos nesse processo e como o ambiente de pesquisa influenciou ou não nos resultados obtidos. Essa trajetória começou com visita às escolas que trabalhassem com a modalidade de Ensino Médio da rede pública e privada nos Municípios de Ipecaetá e Santo Estevão, estado da Bahia, distantes 14 Km uma da outra.

O critério de escolha desse público (alunos), considerou o fato de serem os mais próximos dessa realidade de escrita virtual e os que mais interagem em suas redes por conta do fator idade, interesses em comum, na condição de estudantes que também precisam saber utilizar a linguagem culta em ambientes formais. Esses alunos, em sua maioria, foram da faixa etária que compreende dos 13 aos 20 anos aproximadamente e apresentam as características essenciais ao interesse do pesquisador.

O Colégio Privado pesquisado chama-se COLÉGIO VIRAMUNDO, situado na sede do Município de Santo Estevão-Ba,



classifica-se como Escola de Pequeno Porte com 377 alunos de acordo com o Censo do INEP de 2019. Atende às três fases da Educação Básica: Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio. Tem uma parceria com uma Faculdade Privada para atender a turmas de cursos na modalidade EAD e conta com uma infraestrutura moderna com dois prédios: um exclusivo para atender alunos da Pré-escola e Fundamental I que denominaram VIRAMUNDO KIDS e outro maior que atende as turmas de Fundamental II, Ensino Médio e acomoda as turmas dos cursos superiores EAD no turno noturno nos encontros presenciais.

É uma das escolas privadas mais antigas (26 anos de funcionamento) e bem conceituadas do Município. Além das salas de aula e de uma área grande para circulação e interação dos alunos, conta também com biblioteca, quadra esportiva coberta, auditório coberto, laboratório de informática, laboratório de ciências, internet, internet banda larga e parque infantil no prédio do Viramundo Kids. Os alunos que fazem parte da clientela da escola residem na cidade de Santo Estevão, Ipecaetá, Antônio Cardoso. Nesses dois últimos Municípios, alunos da sede e da zona rural. A escola realiza vários projetos durante o ano letivo, além de viagens pedagógicas o que favorece um ambiente muito mais propício à aprendizagem significativa. O corpo discente varia de alunos com poder aquisitivo alto até alunos bolsistas com pais com grau de instrução do ensino fundamental incompleto a pais graduados com especialização e mestrado (em menor escala). A maioria desses alunos dispõe de internet em casa, smartphones de última geração, computador ou notebook e



acessam suas redes sociais sem problemas de conexão de maiores proporções. O índice de alunos aprovados em vestibulares e no ENEM é considerável e, ao concluírem o Ensino Médio, entram em Faculdades públicas e particulares. O Colégio entregou à sociedade dos Municípios a quem atende, profissionais das diversas áreas de atuação.

A Unidade Pública de Ensino é denominada COLÉGIO ESTADUAL ÁUREO FILHO, situada na sede do Município de Ipecaetá, presta serviços à comunidade desde 1976. Iniciou suas atividades com Ensino Fundamental (antigo ginásio), posteriormente foi autorizada a matricular para o curso de Magistério (antigo 2º grau) que em decorrência da Lei foi extinto dando lugar ao Curso Normal que também foi substituído pelo Científico, que hoje é denominado apenas de Ensino Médio.

Qualificada pelo Estado como Unidade de Médio Porte, atende cerca de 530 alunos exclusivamente de Ensino Médio de acordo com Censo do INEP de 2019. A Unidade de Ensino é composta de estrutura física antiga, sem ambientes de interação extra-classe e conta apenas com 08 salas de aula e dois pátios cobertos. Não dispõe de biblioteca, sala de vídeo, laboratório de informática ou de ciências, rede de internet disponível para alunos. A equipe gestora composta de um diretor e um vice-diretor, dezoito professores, uma coordenadora pedagógica e equipe administrativa.



A cerca de oito anos é a única escola do Estado no Município e sempre foi a única que ofereceu a modalidade de conclusão da educação básica. Durante o ano letivo, promove a realização de projetos fixos como Quadrilha Junina, Festival de Talentos e outros interdisciplinares que garantem a interação social da escola com a comunidade local. Os projetos fixos têm suas culminâncias em praça pública para que todos da comunidade participem e tenham conhecimento do que acontece dentro do espaço escolar. As dificuldades pelas quais a escola passa e que, segundo seus pares, atrapalham um melhor desempenho dos alunos é a falta de infraestrutura adequada aos propósitos da Proposta pedagógica da Escola e a situação de déficit de aprendizagem de base dos alunos que ingressam no Ensino Médio.

É importante informar que, apesar da escola pública está situada na sede do Município, quase 90% dos alunos que a frequentam são oriundos da zona rural, usuários do transporte escolar para ter acesso à escola. São, em sua maioria, alunos de baixa renda, com pais agricultores, aposentados e com pouca escolaridade; Apesar das dificuldades estruturais, os alunos da escola têm ingressado cada vez mais no Ensino Superior através de pontuação no ENEM, FIES, PROUNI e em Universidades Públicas em menor escala.

Em relação às condições de uso das redes sociais, muitos não possuem smartphones, computadores ou notebook e encontram dificuldades de acesso à rede por conta de residirem na zona rural, muitas vezes distantes quilômetros da sede com sinal muito deficiente e sem



condições de arcar com pacotes de rede de dados. Isso dificulta, mas não impossibilita que os mesmos façam uso das redes de interação social, condição inerente para estarem inseridos aos grupos dos quais fazem parte. A escola também devolve à sociedade vários profissionais das diversas áreas de atuação e conta com muitos professores contratados em regime temporário (REDA) que foram alunos, fizeram cursos de licenciatura e retornam para atuar no trabalho docente. Essas duas realidades foram o campo empírico de coleta e análise de dados e a intenção da pesquisa não foi quantificá-los de acordo com as especificidades de cada realidade, mas abordá-los criteriosamente com a sensibilidade de perceber em que cada ambiente favorece ou dificulta a construção de textos adequados à realidade de uso da Língua.

UNIVERSO E AMOSTRA

Cerca de 300 alunos do Ensino Médio, 58 professores e 15 coordenadores formaram a população. A amostra foi dividida em três categorias: alunos, docentes e coordenadores pedagógicos. Os alunos possibilitaram a coleta direta dos dados/fenômenos analisados. Foram alunos que responderam aos questionários e que disponibilizaram seus textos para análise, totalizando 188 unidades de análise; os docentes e coordenadores compuseram as outras duas categorias que, juntas, direcionaram a pesquisa para o “olhar” pedagógico sobre os fenômenos observados e como essas ocorrências influenciavam na aprendizagem



desses alunos. Nessa etapa, 58 docentes e 15 coordenadores participaram da pesquisa e não houve subtração desse quantitativo por entender que um número maior de dados, forneceria mais segurança na produção dos resultados. Duas escolas da rede pública e privada dos Municípios de Ipecaetá e Santo Estevão, estado da Bahia foram o campo de pesquisa.

O trabalho priorizou a amostra probabilística, ou seja, todos os indivíduos da população tiveram as mesmas chances de participarem da pesquisa, pois a escolha foi aleatória, o que determinou imparcialidade e total desconhecimento prévio dos resultados futuros, garantindo assim a neutralidade do trabalho. Quando da visita às escolas que concederam a anuência para a realização da pesquisa, houve distribuição de papéis numerados para sorteio aleatório até que se chegasse à quantidade de 188 alunos para compor a amostra desejada. Esse procedimento foi feito apenas com os alunos pois eram a maior categoria; os demais foram participantes em sua integralidade (58 professores e 15 coordenadores pedagógicos). Por ser um número considerado pequeno, não houve necessidade de diminuir a categoria, nesse caso foi realizado um censo.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados como instrumentos para coleta dos dados: o questionário misto, a entrevista estruturada, pesquisas de interação feitas no google formulários que puderam ser respondidas online ou impressas



para registrar as respostas daqueles que não conseguirem fazê-la de outra maneira; análise dos documentos das redes sociais (facebook, whatsapp, telegram, instagram, blogs e outros) através dos comentários de interação e análise dos textos escolares cedidos pelos professores e pelos alunos.

A entrevista estruturada e, a não estruturada, foram realizadas em momentos diferentes a fim de captar a ocorrência de igualdade e diferença entre as respostas. A entrevista não estruturada foi aplicada apenas com os professores e coordenadores para que outras variáveis fossem analisadas. A utilização desse método possibilitou além da análise das respostas, um olhar apurado sobre o comportamento de cada grupo diante das perguntas realizadas pelo pesquisador. O método consistiu em um momento de conversa inicial e informal para maior entrosamento do grupo com o pesquisador e, logo após, seguiu-se à entrevista estruturada observando todo o contexto de produção das respostas. A mesma aconteceu de forma oral e o registro foi feito através de transcrição das respostas pelo pesquisador. Um roteiro impresso com as perguntas foi disponibilizado na hora para cada participante preencher a fim de comparar a discussão oral com as respostas escritas.

O questionário foi composto de questões múltiplas (subjetivas e objetivas) para se adequar ao propósito quali-quantitativa da pesquisa e foi aplicado aos três grupos que compuseram a amostra com o intuito de obter maiores informações a respeito dos grupos submetidos ao estudo. Esses dados preliminares deram início à análise do objeto de estudo mas não constituíram a única fonte de coleta.



Outros instrumentos foram utilizados com os alunos para coletar a ocorrência dos fenômenos linguísticos que se quis analisar a exemplo: textos escritos no ambiente escolar cedidos pelos professores e pelos próprios alunos; textos virtuais adquiridos através dos comentários de interação nas redes sociais de grupo de alunos que compuseram a amostra: facebook, whatsapp, Instagram e outros para analisar, identificar e descrever como ocorriam os fenômenos nos dois ambientes de escrita (escolar e virtual) a fim de entender o caminho percorrido pelos alunos na construção dessa modalidade de produção textual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro passo para realização desta pesquisa foi realizar o estado da arte relacionado ao assunto e posteriormente o levantamento bibliográfico do material que tratava do tema proposto. Após essa etapa, o material foi estudado criteriosamente e classificado de acordo com a relevância com que tratava o tema. Terminada essa etapa, o pesquisador entrou em contato com os responsáveis legais pelas instituições onde pretendia realizar a coleta e análise de dados, encaminhou toda a documentação referente à pesquisa e todos os termos que garantiam a seriedade, idoneidade e sigilo em relação a tudo que seria detectado durante e ao término do trabalho a fim de iniciar a pesquisa de campo após a aprovação do Sistema CEP-CONEP atendendo à Norma Operacional 001/2013, 3.4.1, “9”.



Após aprovação do CEP-CONEP (Parecer 4.231.810) e de posse dessas autorizações, procedeu-se à fase de execução propriamente dita: 1- apresentação do pesquisador pelos responsáveis das Instituições aos grupos que foram analisados; 2- exposição do pesquisador sobre tema e objetivos da pesquisa aos grupos que estudados, abrindo espaço para esclarecimento de dúvidas sobre o trabalho e tudo o que envolvia a coleta de dados; observando as peculiaridades de entendimento de cada um e deixando bem claro que tudo seria mantido em absoluto sigilo; 3- Apresentação à escola do cronograma da pesquisa , entrevistas e questionários que seriam utilizados pelo pesquisador para aprovação; 4- Aplicação dos instrumentos com os grupos por categoria (professor, coordenador e alunos) e transcrição dos registros para análise; 5- Levantamento de dados nos instrumentos que subsidiaram a análise dos resultados; 6- Categorização dos dados por grupo e tipo de fenômeno (concordância, regência, supressão vocálica ou outros) para que a análise fosse realizada- atribuição de um código para cada grupo de ocorrência a fim de facilitar a construção dos gráficos e/ou tabelas; 7- Análise de conteúdo dos dados qualitativos; 8- Análise estatística dos fenômenos quantificáveis.

POSICIONAMENTO ÉTICO

De acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas que envolvem seres humanos tem que seguir o



protocolo dessa norma a fim a de assegurar aos participantes toda e qualquer assistência por conta de danos físicos ou psicológicos causados em decorrência da mesma, bem como assistência financeira quando houver necessidade de aquisição de material, traslado do participante ou ressarcimento de qualquer dano em relação à carga horária de trabalho, que eventualmente tenha sido prejudicada por conta do tempo que foi despendido para atendimento ao pesquisador.

Aos grupos que fizeram parte da pesquisa, foram dadas todas as explicações necessárias quanto ao tema, problema de pesquisa, objetivos, sigilo no tratamento do campo de pesquisa, nomes e dados coletados e sua relevância social, como também o esclarecimento de que, em qualquer momento em que se sentissem desconfortáveis em prestar informações ou simplesmente não desejassem mais compor o quadro de membros participantes, poderiam abandonar a pesquisa sem prejuízo de qualquer natureza.



ANÁLISES

A primeira tomada de decisão em relação aos dados coletados foi a realização de uma releitura deles com o olhar retrospectivo em relação a todo o caminho que foi percorrido até chegar a esse momento. Todos os instrumentos de pesquisa foram revisados criteriosamente e comparados para que se pudesse detectar os pontos de igualdade e dispersão em relação aos propósitos da análise.

Após essa tomada de consciência, os dados foram tabulados, analisados e agrupados de acordo com a categoria e as variáveis encontradas: os quantitativos foram sujeitos à análise detalhada e submetidos à estatística descritiva para contabilizar quais variáveis favoreciam o fenômeno estudado, suas ocorrências que, após separadas e categorizadas, foram apresentados em gráficos ou tabelas. Já os dados qualitativos, por serem passíveis da subjetividade, foram estudados através da análise de conteúdo e da categorização apriorística por meio de temas. Nesse caso, foi feita a codificação das unidades de análise para facilitar a formação das categorias de estudo.

Em todos os momentos dessa análise, percorreu-se todos os possíveis caminhos que contribuiriam para que esses fenômenos linguísticos ocorressem e como eles interferiam no uso da norma culta nos textos escritos dos alunos que fizeram parte do estudo em questão.



Esgotadas todas as possibilidades, seguiu-se à construção do texto final com todas as inferências que foram feitas à luz do que foi descoberto ou reforçado.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Percepções iniciais...

Tomou-se como base para esse detalhamento, a análise de conteúdo de Bardin (2011), que apresenta uma sequência para tratamento dos dados que passa pela leitura flutuante até à categorização e descrição de tudo que foi qualificado como relevante para a resolução da problemática inicial a fim de responderem ao problema da pesquisa: Como avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio, dando enfoque aos objetivos específicos que atentam para: a avaliação da percepção docente quanto a essa influência /interferência; descrição dos aspectos positivos e negativos do uso da linguagem das redes sociais na construção dos textos virtuais dos alunos do Ensino Médio; identificar os diferentes usos que esses alunos fazem da língua nos textos escritos formais e virtuais; descrever os tipos de interferência da linguagem das redes sociais mais recorrentes nos textos escritos formais desses alunos.

Todo o caminho foi percorrido na intenção de confirmar ou refutar as hipóteses levantadas no início da pesquisa: H_0 : a linguagem



utilizada nas redes sociais influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio e H₁: a linguagem utilizada nas redes sociais não influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio.

Vivências Pedagógicas da Influência das Redes Sociais: O Papel do Coordenador Pedagógico e do Docente nesse cenário de escrita.

Inicialmente, são apresentados e discutidos todos os dados que foram coletados com a equipe docente (coordenador pedagógico e professores) a fim de entender qual era a impressão que tinham a respeito da realidade que cerca a escrita desses alunos que estão constantemente em contato com esses ambientes de interação, sujeitos a essa influência em suas produções escritas, seja no ambiente formal ou virtual. A partir das respostas que foram dadas, procedeu-se à categorização dos dados por assunto e os resultados foram descritos detalhadamente.

Segue abaixo tabela com objetivo direcionado a essa primeira categoria (Coordenador Pedagógico/docentes), tipo de instrumento de pesquisa, as categorias que foram analisadas e método de análise:



Tabela 1- Síntese da análise da visão docente

Objetivos	Instrumentos de coleta de dados	Categorias de análise	Método de análise
<p>* Avaliar a percepção dos docentes quanto à interferência das redes sociais na linguagem culta dos alunos do Ensino Médio.</p> <p>* Descrição dos aspectos positivos e negativos do uso da linguagem das redes sociais na construção dos textos virtuais dos alunos do Ensino Médio.</p> <p>* Descrever os tipos de interferência da linguagem das redes sociais na linguagem culta desses alunos.</p> <p>* identificar os diferentes usos que esses alunos fazem da língua nos textos escritos formais e virtuais.</p>	<p>* Questionário</p> <p>* Entrevista</p> <p>* Textos escolares</p> <p>* Textos virtuais</p>	<p>* Termos utilizados nas respostas que caracterizaram posicionamento/percepção diante do tema de pesquisa.</p> <p>* Escolha de opções em questões objetivas que determinaram posicionamento positivo ou negativo diante do tema.</p> <p>* Ações promovidas pela escola/equipe para identificar e trabalhar o tema com os alunos.</p> <p>* Análise de textos escolares.</p> <p>* Análise de textos virtuais</p>	<p>* Análise quali/quantitativa das respostas dadas nos instrumentos de pesquisa.</p> <p>* Análise quantitativa das ocorrências da linguagem virtual nos textos escolares.</p> <p>* Análise quantitativa das ocorrências da linguagem virtual nos textos virtuais.</p>

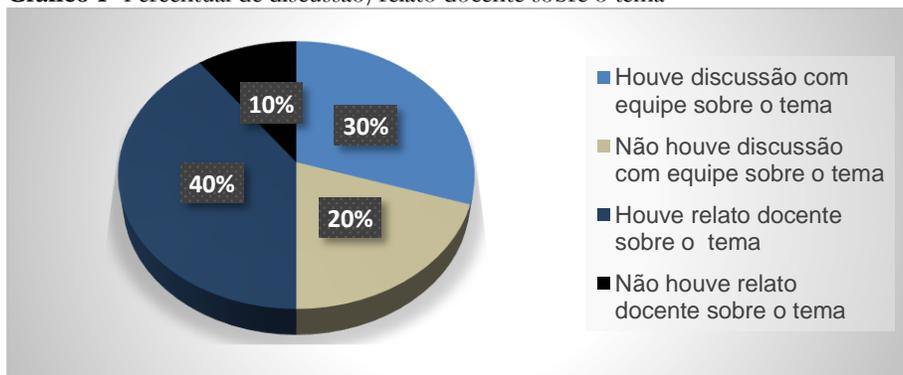
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A primeira etapa da análise consistiu em traçar um perfil das categorias a fim de detectar que percentual desses profissionais tinha contato com a modalidade que interessava ao estudo em questão (Ensino



Médio). Dos quinze entrevistados, todos atuavam com essa modalidade e declararam que as redes sociais trouxeram modificações no ritmo do trabalho pedagógico. Como o foco de interesse era avaliar a percepção docente em relação à influência das redes sociais na aprendizagem da norma culta, foram feitos alguns questionamentos a respeito de discussões e trabalhos realizados com os grupos de professores sobre essa temática. Nesse momento, apenas coordenadores e docentes foram alvo da coleta.

Gráfico 1- Percentual de discussão/retrato docente sobre o tema



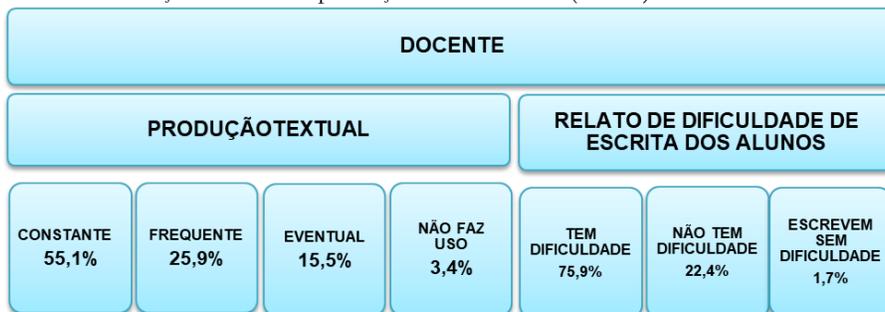
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Conforme leitura do gráfico acima, observa-se que a maioria declarou que já havia tratado o tema proposto de maneira sistemática em reuniões de atividades complementares com seus pares (professores) e que estes também relataram nessas discussões terem observado mudança na escrita dos alunos após uso das redes sociais.

Para entender melhor como esse grupo observou essas mudanças no comportamento linguístico escrito dos alunos, questionou-se qual era a frequência com que esses profissionais faziam uso da produção textual em suas aulas e como classificavam a relação dos alunos com a produção escrita no quesito facilidade/dificuldade de produção de textos. Os resultados seguem descritos no gráfico abaixo:



Gráfico 2- Relação Docente x produção textual escrita (alunos)



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Observou-se que a prática de produção escrita foi bastante pontuada pelos docentes. Em relação à dificuldade de escrita dos alunos, pôde-se constatar que cerca de 76% tem problemas com a produção de textos escritos. Esse alto percentual não se configurou como uma novidade, pois sempre foi uma queixa constante dos alunos e uma constatação dos professores (através da análise dos textos) essa falta de “intimidade” com a NC, principalmente no que se refere à escrita adequada a todos os padrões exigidos pela gramática normativa.

Seguiu-se os procedimentos para entender o que era considerado aspecto positivo e negativo diante da realidade da escrita dos alunos, e a influência que essa constante exposição e uso das redes sociais tinham na aprendizagem através dos textos produzidos no ambiente escolar. Em tese, essas produções não deveriam ser “afetadas” por características de um ambiente virtual, segundo a visão do grupo docente, uma vez que a escola ainda não pôs em lugar de igualdade essa variedade escrita.

Levando em consideração as informações da tabela 2, houve uma clara predominância dos aspectos negativos sobre os positivos e tudo que foi apontado como desfavorável para a evolução da aprendizagem dos alunos tem ligação direta com a aquisição das regras da NC. Ao contrário,



os aspectos considerados como favoráveis, direcionaram as respostas para outras características contidas nesses ambientes que prezam muito mais pela manutenção da interação, criatividade, novas possibilidades de se estabelecer comunicação e rapidez de respostas com seus pares do que com a rigidez da norma padrão.

Tabela 2- Redes Sociais: Influência e Produção Escrita



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

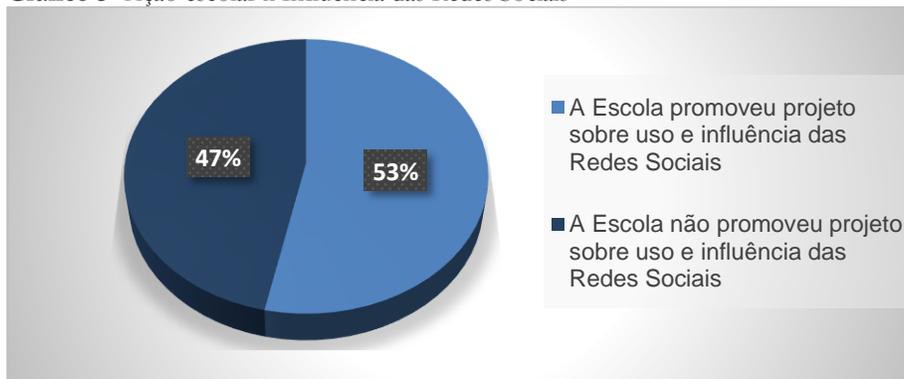
Conforme a concepção de Machado (1983), já abordada no referencial teórico desse estudo, a escola continua favorecendo a exclusão



quando ainda não considera como legítima uma variedade de escrita que tem figurado em todas as esferas de comunicação, independente de qualquer classificação que se possa fazer (econômica, social, étnica, etária, cognitiva). Continuar ignorando essa vertente escrita no ambiente escolar vai promover o aumento do desinteresse desses alunos pela descoberta de outras maneiras de usar a língua e essa falta de inclusão desse tipo de linguagem não possibilita análise comparativa entre esta e a NC no processo de ensino/aprendizagem.

A respeito de uma ação efetiva promovida pela escola para trabalhar essa influência na aprendizagem da norma culta dos alunos, obteve-se os seguintes resultados:

Gráfico 3- Ação escolar x Influência das Redes Sociais



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Pôde-se inferir que, mesmo tendo observado e discutido a respeito da ocorrência dessa mudança na escrita dos alunos, o número de escolas que se mantiveram imunes a uma ação mais efetiva sobre o assunto foi



considerado alto em relação ao tamanho da amostra conforme o gráfico. Isso significa que a variedade padrão está sendo considerada nessas escolas como a única que merece fazer parte do currículo desconsiderando as outras vertentes apresentadas por seus alunos nos diversos ambientes de escrita em seus planejamentos pedagógicos, o que colabora com a visão de Camacho (1985), que continua havendo conflito entre o que é estabelecido como conteúdo necessário à aprendizagem (norma padrão) e o que os alunos trazem como bagagem linguística (neste caso específico, a linguagem virtual como variedade de escrita a ser considerada nos planejamentos escolares).

A discussão de Escola Híbrida feita no início desse estudo (referencial teórico), corrobora com a ideia de Camacho (1985) que propõe um enfoque bidialectista sobre o ensino da LP colocando a NC em convivência harmônica com as demais modalidades de escrita a ponto de preparar o aluno para reconhecer, entender, intervir e adequá-la aos ambientes de interação. Segundo Camacho (1985), essa concepção de ensino de língua aceitaria o modelo de Diferença Verbal (ligado à sociolinguística admitindo o caráter de variabilidade da LP) em detrimento do modelo de Deficiência Verbal (preso ao tradicionalismo que considera “erro” qualquer variação da norma tida como padrão). Esse enfoque mais flexível, favoreceria a competência de fato sobre o uso inteligente da NC e todas as suas variedades. Questionados sobre o uso da



LV dos alunos em seus planejamentos e aulas, os docentes expuseram os resultados descritos no gráfico:

Gráfico 4- Planejamento docente e Linguagem Virtual

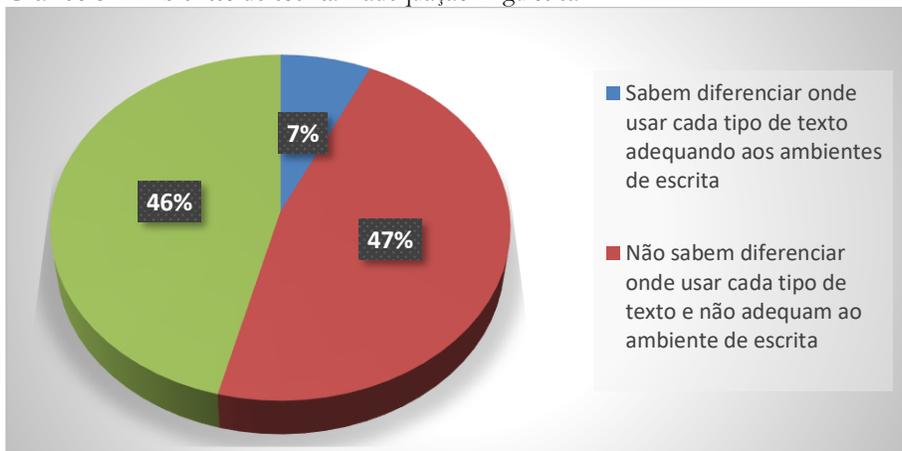


Fonte: Dados da pesquisa, 2020

As respostas convergiram positivamente para o uso dessa linguagem durante as aulas e entendimento de que poderiam aproveitar mais essa modalidade de escrita em seus planejamentos (somaram 80% das respostas). O quantitativo que não usou ou não viu utilidade em aproveitar essa variedade foi bem menor (somaram 20%) mas ainda é um número bem expressivo, considerando que a realidade virtual está posta e faz parte da vida de quase todas as pessoas direta ou indiretamente. Outra questão posta foram os ambientes de escrita que respondem ao objetivo sobre a identificação dos diferentes tipos de uso que os alunos fazem da LP nos textos formais e virtuais. A intenção era saber se esses alunos sabiam diferenciar os ambientes e se estavam fazendo as adequações necessárias a cada um desses espaços de escrita. Dois tipos de questionamentos foram feitos e os docentes puderam se valer de mais de uma resposta de acordo com a realidade de cada um:



Gráfico 5- Ambientes de escrita x adequação linguística



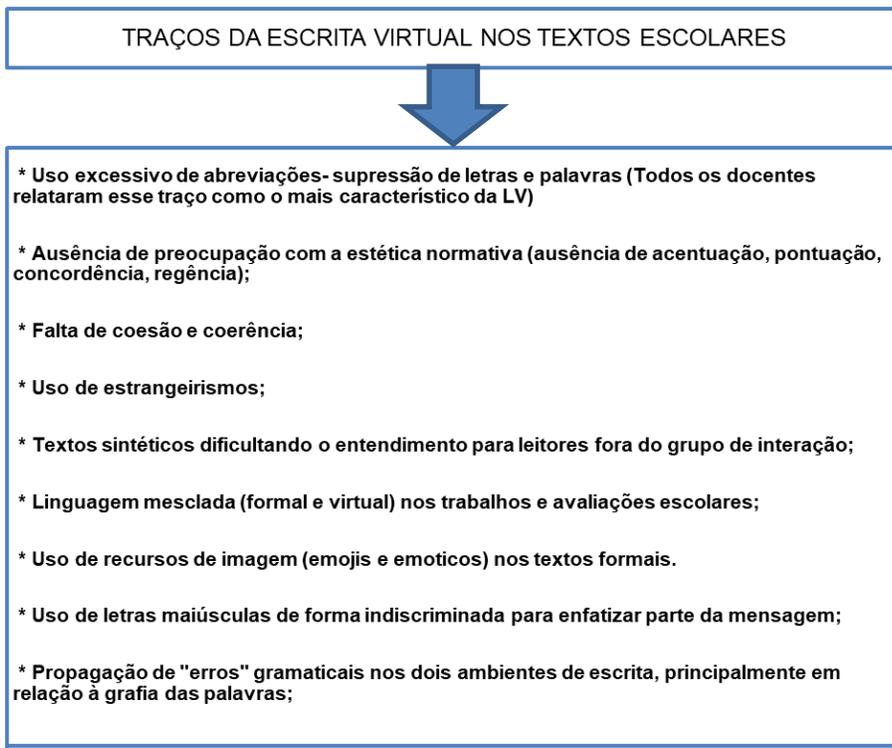
Fonte: Dados da pesquisa, 2020

O percentual de respostas dos alunos que sabem diferenciar cada tipo de ambiente e fazer as adequações necessárias foi muito baixo (7%). Em relação às categorias que não sabem diferenciar, não adequam ou fazem uso indiscriminado sem atentar para essas questões foi praticamente igual (diferença de apenas 1%).

Após levantamento de todas essas informações, uma análise preliminar sobre as ocorrências que esses docentes haviam observado nos textos escritos dos alunos foi feita e será apresentada a seguir. Fala-se em análise preliminar porque um estudo mais detalhado será feito quando na análise dos dados dos alunos mais a frente. Fez-se a seguinte pergunta aos docentes: Quais os traços da escrita virtual que você tem observado na escrita formal de seus alunos? Obteve-se as seguintes respostas:



Tabela 3- Descrição dos Traços Virtuais



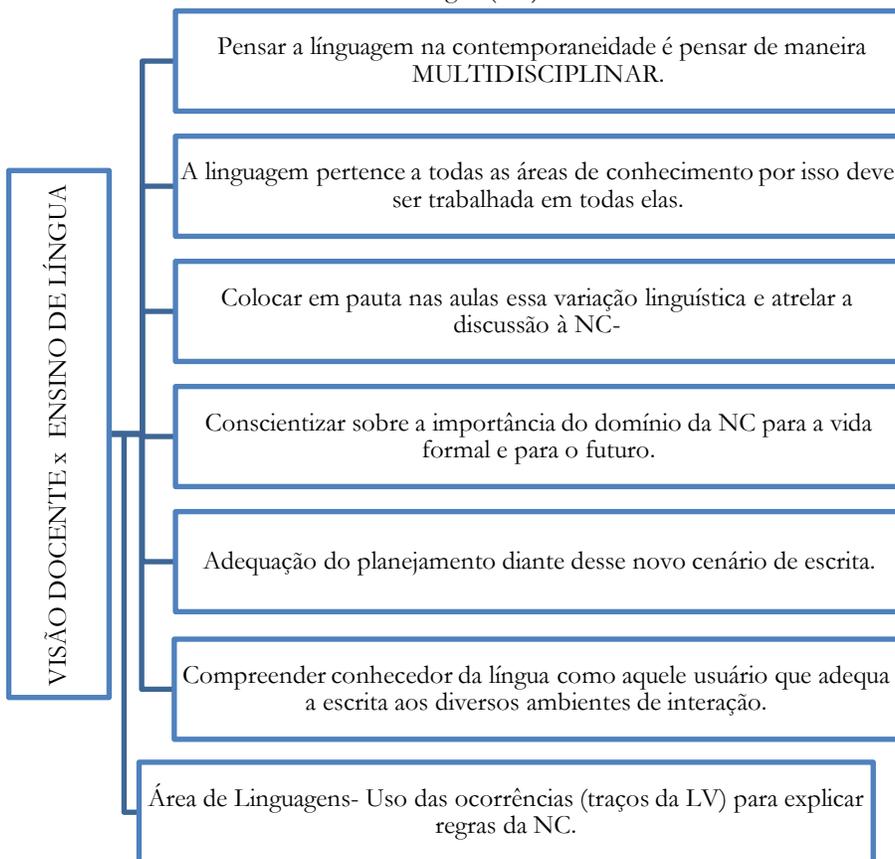
Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Os docentes declaram também que a deficiência de base desses alunos em relação às ocorrências acima citadas é fator preponderante para que elas aconteçam em maior ou menor proporção nos textos escritos, ou seja, quanto maior for a deficiência, mais haverá registros da escrita virtual sem adequação aos ambientes. A maioria acredita que os alunos que têm maior conhecimento da NC, fazem as adequações necessárias aos textos formais por estarem mais atentos aos ambientes de escrita. A outra parte do grupo acredita que, independente do conhecimento sobre a NC, essa influência está tão intrínseca à realidade desses alunos que é natural que



confundam os ambientes sem perceberem esse tipo de ocorrência. Mesmo com opiniões diferentes sobre o que determina essas ocorrências, o grupo como um todo declarou que elas acontecem e que a escola e o currículo precisam se adequar a essa realidade para que haja vontade do aluno em conhecer mais a NC e entender que necessita dela para ter sucesso em situações formais de uso da língua. Isso não significa que outras variedades não sejam importantes para interação desse grupo.

Tabela 4- Visão Docente x Ensino de Língua (NC)



Fonte: Dados da pesquisa, 2020



Na última etapa da discussão com o grupo docente, procurou-se saber qual era o posicionamento dos mesmos diante do ensino de língua em relação às influências da LV nos textos formais dos alunos, independente da área em que atuavam. A tabela 4 (acima), transcreve as respostas dadas pelo grupo. Elas foram condensadas e agrupadas devido à repetição.

Segundo a concepção de Bakhtin (1990), a interação entre os interlocutores é o princípio da linguagem. Entende-se, com isso, que todo caminho que garanta a interação deveria ser considerado pela escola como uma vertente a ser explorada. O texto escrito absorve, nesses espaços virtuais de interação, uma configuração própria para o ambiente (tela) e para a velocidade de troca de informações. Bakhtin (2006) também atenta para o fato de que cada geração dentro de um contexto histórico e verbal, desenvolve uma linguagem. As repostas, na tabela 4, garantem que os docentes já têm ciência de que estudar a língua deixou de ser tarefa exclusiva da área de linguagens e perpassa por toda área de conhecimento, uma vez que essas mudanças de comportamento linguístico não ocorrem apenas em disciplinas específicas, mas no todo escolar. É preciso pensar a linguagem escrita desses alunos considerando essa vivência virtual para, a partir dessa realidade, replanejar os currículos escolares de maneira significativa e eficiente.

Santaella (2007) fala sobre a capacidade dos jovens, ao utilizarem essa LV, de transcodificar quaisquer códigos e misturá-los para então produzirem um novo texto capaz de transcender o uso da palavra. Essa



capacidade precisa ser mais bem aproveitada no ambiente escolar no intuito de introduzir essa aptidão na construção de textos que considerem a NC, ao invés de ignorá-la, como vem ocorrendo nos ambientes virtuais. Ser criativo não significa necessariamente ser apto em apenas um ambiente de escrita.

Segundo Possenti (1996), o papel da escola é ensinar a língua padrão e criar condições para seu uso efetivo. Se o ensino de regras (metalinguagem) não tem surtido efeito nesse processo de aprendizagem significativa da NC, a escola precisa tomar outro rumo e se valer de todos os recursos que a tecnologia oferece para garantir a produção de bons leitores e produtores de textos em qualquer situação, em qualquer ambiente de escrita.

A LINGUAGEM VIRTUAL DOS ALUNOS: a realidade escrita em tempo de redes sociais.

O objetivo geral desse estudo foi: avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da língua portuguesa dos alunos do ensino médio e, a partir da análise que segue, será apresentado tudo o que foi coletado nos instrumentos de pesquisa e nos materiais escritos dos alunos a fim de entender se há ou não influência desse tipo de linguagem das redes nos textos escritos formais desses jovens. Como o objeto de estudo é esse tipo de escrita (virtual) e sua influência, considerou-se todas as informações



coletadas como fatores em potencial para consolidar ou negatizar as ocorrências que porventura fossem encontradas nos textos.

Bardin (2011) continuou sendo referência na organização dos dados para que nada fosse negligenciado nesse processo. Nessa etapa, os objetivos específicos 1,2,3 e 5 foram os alvos desta análise: 1- Descrever os diferentes usos que os alunos do ensino médio fazem da língua nos textos escritos formais e virtuais; 2- Descrever os aspectos positivos e negativos do uso da linguagem das redes sociais na construção escrita dos textos virtuais dos alunos do ensino médio; 3- Analisar o fenômeno da supressão vocálica e da consonantização das palavras nos textos virtuais dos alunos do ensino médio e 5- Descrever os tipos de interferência da linguagem das redes sociais mais recorrentes nos textos escritos formais dos alunos do ensino médio (ortografia, regência, concordância etc).

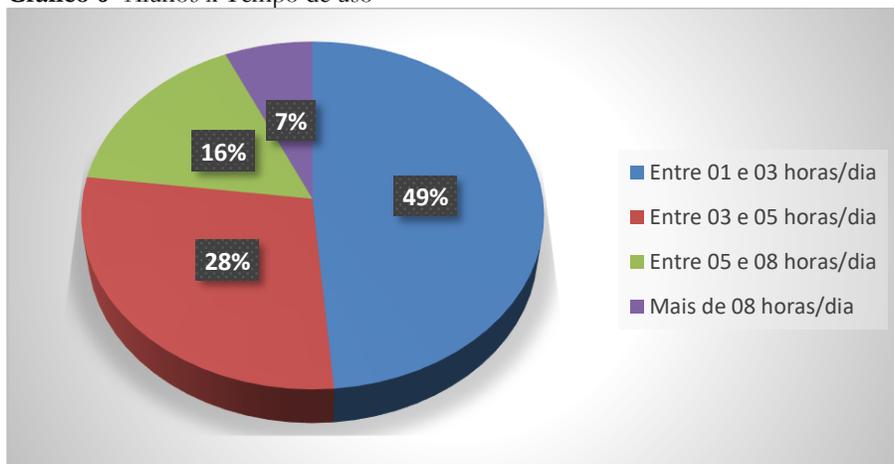
Em se tratando de alunos e de comportamento linguístico escrito, tudo foi considerado (idade, gênero, rede escolar a que pertence, localidade de residência, acesso à rede e aos recursos que possibilitam esse tipo de interação escrita, tempo estimado de acesso por dia, posicionamento diante dos textos que escrevem, dificuldades e facilidades diante da norma culta, posição em relação à escrita virtual) entre outros fatores que foram detalhados ao longo do estudo. Os aspectos foram descritos em gráficos separados para melhor visualização do perfil desses alunos na apresentação dessa etapa preliminar dos dados. Essas informações foram coletadas por entender que cada detalhe que



especificasse características desse grupo poderia ser fator determinante para as ocorrências.

O grupo de alunos que compuseram a amostra dessa pesquisa tem predominância do sexo feminino com 69% contra 31% do sexo masculino; A maioria estuda na rede pública- 84,4% ao passo que 15,6% são da rede privada. Cerca de 59,7% residem na zona urbana e 40,3% na zona rural. As idades variam de 14 a 21 anos, tendo apenas 01 aluno de 41 anos. Essa diversidade e defasagem idade/série foi mais característica na rede pública por conta de a escola ser a única que oferta essa modalidade de ensino e não funcionar no noturno por questões de transporte escolar e recursos humanos para este horário. Seguem gráficos do perfil quanto ao tempo de exposição/uso das redes sociais e recursos disponíveis para essa atividade.

Gráfico 6- Alunos x Tempo de uso

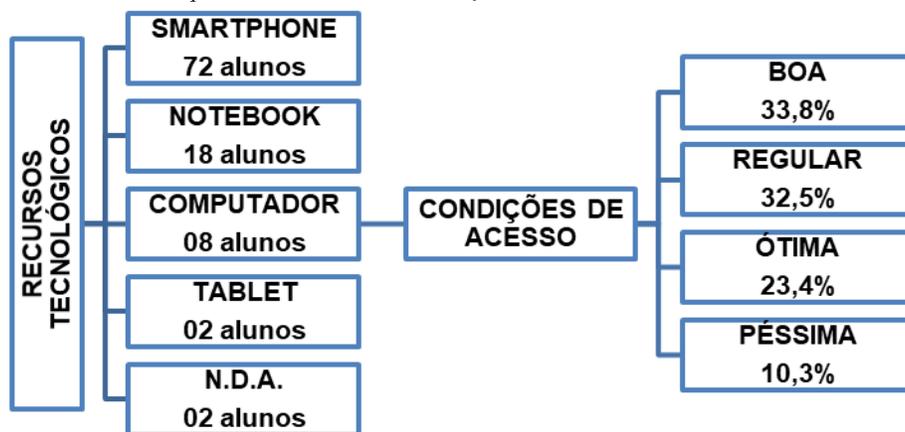


Fonte: Dados da pesquisa, 2020



Questionados sobre que recursos dispunham para acessar suas redes sociais e quais as condições de acesso à internet, levando em consideração que quanto maior for a capacidade de interação, maiores seriam as atividades de leitura e produção escrita, coletou-se esse tipo de informação. Cada aluno pôde declarar o tipo de aparelho que utilizava para acessar seus contatos (mesmo que isso significasse informar mais de um) e como qualificavam suas condições de acesso. Segue tabela com o quantitativo detalhado:

Tabela 5- Perfil quanto aos recursos e condições de acesso



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Após etapa preliminar sobre o perfil desses alunos e a relação que mantém com a realidade virtual, partiu-se para a análise textual propriamente dita, a fim de detectar a ocorrência dos fenômenos que foram alvo dos objetivos específicos desse estudo. Para tanto, fez-se um levantamento criterioso dos instrumentos de coleta, de textos escolares e textos das redes sociais na perspectiva de descrever os traços dessa escrita virtual, onde estão ocorrendo e com que frequência. Uma análise



comparativa foi feita para entender se esses alunos tinham consciência do uso que estavam fazendo da língua escrita nos dois ambientes de estudo (escolar e virtual). Todo o material encontrado foi separado por categoria de interesse comum e foi analisado separadamente no intuito de descrever todos os elementos que compõe a tabela abaixo:

Tabela 6- Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE



Ocorrências de traços da Linguagem Virtual:

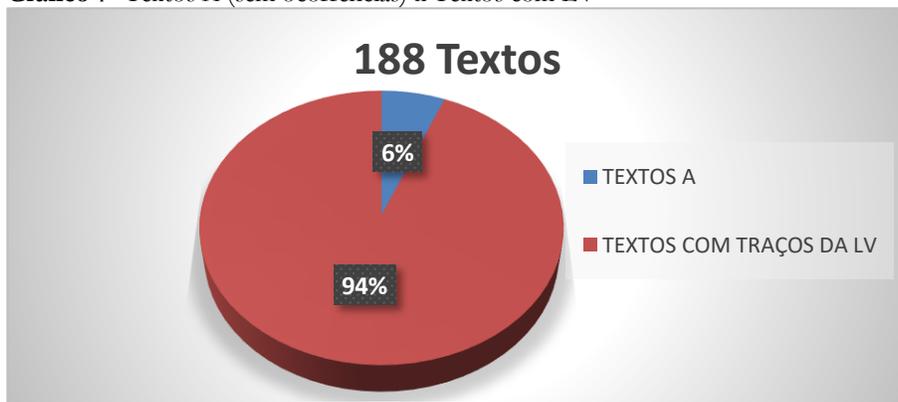
- * Abreviações e/ou consonantização de palavras (supressões vocálicas);
- * Marcação do plural com a desinência /s/ apenas no adjunto adnominal;
- * Apagamento da marca de plural desinência /m/ nos verbos das sentenças;
- * Apagamento da marca desinência de Infinitivo /r/ nos verbos das sentenças;
- * Uso de recursos gráficos (emojis e emoticons) para enfatizar a mensagem ou suprimir palavras;
- * Marcadores de alteração de prosódia: uso de letras maiúsculas, alongamento de vogal ou consoante e pontuação (reticências, interrogação, exclamação) para enfatizar o discurso.

Fonte: Dados da pesquisa, 2020



Foram coletadas 188 produções escritas dos alunos e apenas 11 textos não apresentaram traços de LV, sendo considerados como produções que respeitaram a NC. Os textos que estavam de acordo com a norma padrão, foram qualificados aleatoriamente como Textos A para facilitar a identificação na hora da categorização. Os demais receberam as legendas de acordo com os fenômenos que foram encontrados ao longo das produções.

Gráfico 7- Textos A (sem ocorrências) x Textos com LV

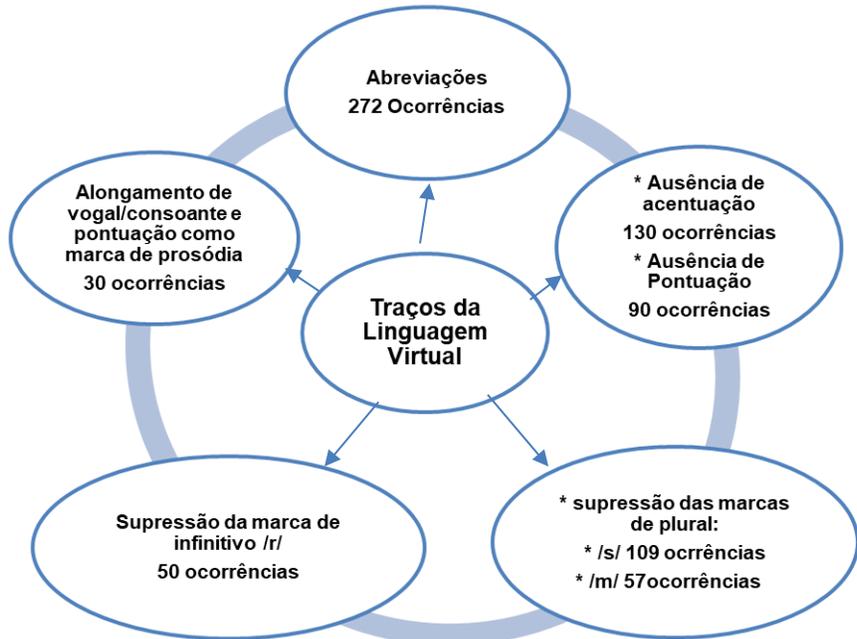


Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Esse levantamento preliminar de que apenas 6% das produções estavam de acordo com a norma padrão, levou à confirmação inicial de que os textos escritos desses alunos vêm sofrendo mudanças significativas que precisavam ser descritas para constatar que tipo de influência estava ocorrendo na intenção de confirmar ou não as hipóteses levantadas inicialmente. Segue tabela com os tipos de ocorrências e seus respectivos quantitativos:



Tabela 6- Principais Traços da LV nos textos escritos.



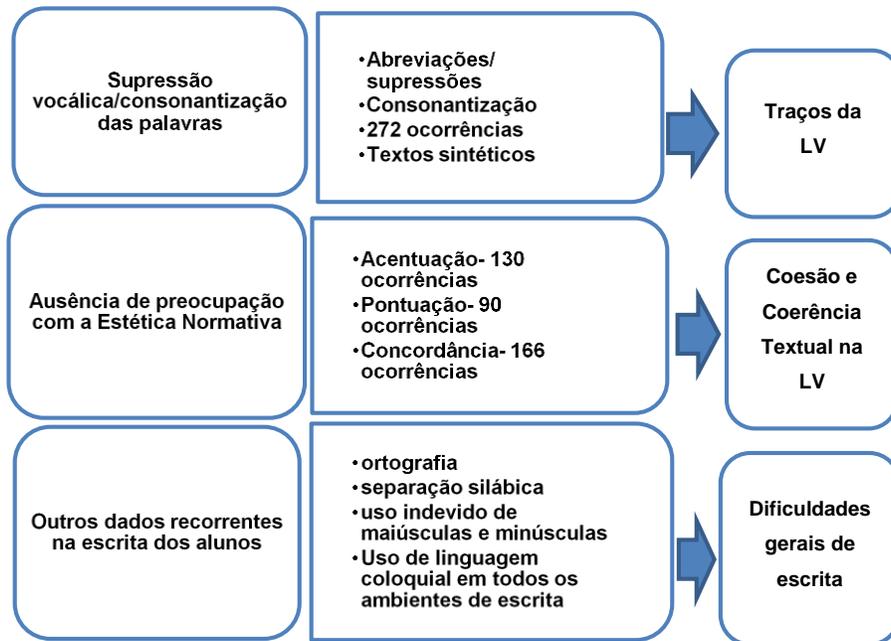
Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Observando as informações, tem-se o panorama dos fenômenos característicos da LV encontrados nas produções escritas dos alunos representados no organograma (tabela 7) no sentido horário, de acordo com a quantidade de ocorrência. O maior número refer-se às abreviaturas que respondem ao objetivo 3 relacionado aos fenômenos da supressão vocálica e da consonantização das palavras. Segundo Marcuschi e Xavier (2005), a linguagem é flexível, adaptável e grande responsável pelas transformações sociais, políticas e culturais devido à criatividade dos seres humanos. Essa capacidade de criar, levou os usuários das redes sociais a desenvolverem uma linguagem escrita própria que fosse capaz de dar



conta da interatividade no menor espaço de tempo de escrita possível sem muito compromisso com a NC.

Tabela 7- Fenômenos escritos x correlação com a LV



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

As abreviações são responsáveis pelas ocorrências de supressão vocálica e, conseqüentemente, pela consonantização das palavras que perdem o elemento fundamental para a articulação oral desses vocábulos (vogais). Esse processo de supressão ocorreu em sua maioria com palavras que deveriam ter em sua forma escrita as vogais /a/, /e/, e /o/. Ocorreu também com a vogal /u/ em menor proporção em palavras que continham a letra /q/ ou nos pronomes: que, quando e qual.

Os exemplos relacionados na tabela 8 são uma parte da amostra dos dados que constataram que os fenômenos de supressão vocálica



acabam favorecendo o processo de consonantização dos mesmos vocábulos. Não houve transcrição de todos os textos com essas ocorrências por conta do grande número encontrado.

Tabela 8-Supressão Vocálica x Consonantização

EXEMPLIFICAÇÃO DE SUPRESSÃO VOCÁLICA/CONSONANTIZAÇÃO		
TRANSCRIÇÃO DA SENTEÇA	SUPRESSÃO VOCÁLICA	CONSONANTIZAÇÃO
<p>“ ...b dia migo em vc ta em essa pandemia...” “bm dia amg...” “dia amgggg...”</p>	<p>vc- /o/,/e/ b- /o/ migo- /a/ amg- /i/, /o/ amgggg- /i/, /o/ cm- como, com- /o/</p>	<p>Vc= você b= bom bm=bom amg/amgggg=amigo cm= como cm= com</p>
<p>“ ate eu tbm sto em sdds de vc”</p>	<p>tbm- /a/,/e/ sto- /e/,/u/ sdds- /a/,/u/, /e/</p>	<p>tbm=também sto= estou sdds= saudades</p>
<p>“ a gnt tá bem se saii usa mascara e ctg td bem”</p>	<p>gnt- /e/ ctg- /o/, /i/ td- /u/,/o/</p>	<p>gnt= gente ctg= contigo td= tudo</p>
<p>“ abr bjus em tds vcs”</p>	<p>abr-/a/, /o/ bjus- /e/, /i/, /o/ tds= /o/</p>	<p>abr= abraço bjus= beijos tds= todos</p>
<p>“qdo vms pder sai dnv estou cansado de fica em casa. Bjs”</p>	<p>qdo- /u/,/a/ vms- /a/,/o/ pder- /o/ dnv-/e/ - /o/</p>	<p>qdo= quando vms= vamos pder= poder dnv= de novo</p>
<p>“Ñ vj a hr desse prg acbr”</p>	<p>Ñ- /a/, /o/ Hr- /o/, /a/ Vj- /e/, /o/ prg- /e/, /i/, /o/ acbr- /a/</p>	<p>Ñ= não (nasalização da consoante) hora Vj= vejo Prg= perigo Acbr= acabar</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2020



Fez-se uma seleção de trechos que compunham palavras que representavam as explicações a respeito desses fenômenos. Após a apresentação da análise demonstrada na tabela anterior, segue a quantificação de outras ocorrências de acordo com cada tipo encontrado nos textos escritos.

Quando questionados sobre como escolhiam as palavras que seriam abreviadas, os alunos responderam que o fazem aleatoriamente ou seguem o padrão que o grupo utiliza durante a interação. Observando os dados que foram encontrados, percebe-se que as perdas vocálicas acontecem independente da posição que esses elementos ocupam nas palavras, apesar de constatar que a maioria ocorre nas posições medial e final dos vocábulos. Na escrita virtual (LV), as vogais perderam o status de núcleo de sílaba. Por conta dessas supressões, as consoantes passaram a ter papel de “destaque” na construção das sentenças e ocupam, nesses ambientes, uma posição que, na escrita padrão, era destinada às vogais que sempre foram consideradas elos essenciais para a construção das sílabas.

Durante a descrição desses fenômenos, observou-se que os textos que usam a LV, são lidos de maneira dinâmica por conta dos conhecimentos acumulados dos usuários da língua portuguesa. Mesmo



que as regras da NC ainda não tenham sido incorporadas de maneira sistemática, a habilidade de decodificar esses textos é praticamente automática. É necessário fazer a ressalva de que isso é possível e acontece com maior facilidade para os leitores que também são usuários das redes e tem contato com a escrita desses ambientes e suas particularidades de tempo/espaço. Para aqueles que não são adeptos das redes sociais, a situação é diferente, pois não conseguem decodificar grande parte das produções escritas pela quantidade de recursos extralinguísticos (recursos gráficos que representam as alterações de humor, a entonação da voz, os gestos e expressões faciais, por exemplo) que compõem esses textos.

Considerando que a LV tem como objetivo principal estabelecer interação no menor espaço de tempo, pode-se inferir que os fenômenos descritos acima corroboram com a ideia de economia de tempo de escrita e, conseqüentemente, com a ausência de preocupação com a estética normativa que, ao contrário dessa modalidade, requer rigor em suas produções. Cada vez mais sintéticos, os textos “perdem” não só letras na composição das palavras; as sentenças têm sido acrescidas de outros recursos que transmitem a mensagem tanto quanto o código escrito usado na NC. Observe tabela com os dados (abreviaturas) encontrados ao longo da análise dos instrumentos de pesquisa:



Tabela 9- Abreviaturas e reduções ortográficas

ABREVIATURA/REDUÇÕES	SIGNIFICADO
q	que
cs/csa/ksa	casa
mt/mtt/mto	muito
aq	aqui
mh	minha
vj	vejo
aki	aqui
loko/lokko	louco
d	de, do, da
tmd	tomando
sc	saco
ismo	isolamento
nss	nesse, nessa
pdr	poder
cdd	cuidado
prgs	perigoso(a)
sto/stou	estou
glr	galera
pfv	por favor
pq/ p q	porque e varáveis
ta/tá	está
ne/né	não é
tlgd	“tá ligado”
bb	amigo
sit	situação
vlw	valeu
aki	aqui
pr	Para
xau	Tchau
vdd	Verdade
rsss/kkkk	Sinônimo de risos
add	Adicionar
msm	Mesmo
ctz	Certeza
bj/ bjus/ xoxo	beijo, beijos
obg	Obrigado(a)
sqn	“só que não”
brinks	brincadeira

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.



Os dados apresentados na tabela acima, foram encontrados nas produções escritas dos alunos em seus ambientes virtuais de interação (whatsapp, instagram, facebook). Observou-se que, diante desses ambientes, a linguagem escrita fica cada vez mais simplificada, com construções de palavras truncadas (mt, pfv, pq, tar etc), substituição de grupos gráficos por seus equivalentes (nh, lh, ch, qu, ss, sc), o que requer leitores aptos a decodificarem essas mensagens. Essa forma específica de conduzir a interação com seus pares acaba restringindo o acesso às informações contidas nesse espaço. Não se pode dizer que o texto virtual é para todo leitor. A escola precisa tomar partido dessa discussão para que esses alunos saibam diferenciar os ambientes, evitando que essas ocorrências apareçam nos textos formais. A inclusão dessa modalidade escrita nos planejamentos como meio de análise comparativa, pode estabelecer parâmetros para que esses alunos adequem seus escritos a cada situação de comunicação.

O segundo maior fenômeno observado nos textos (escolares e virtuais) foi relacionado às questões de coesão e coerência textual; um problema que sempre foi alvo de discussão. A linguagem virtual, de certa forma, reforça essa característica nos textos, pois não tem nenhum compromisso com a manutenção da NC. Sua prioridade é estabelecer interação em tempo real e isso leva cada vez mais à síntese no discurso escrito e à utilização de outros códigos de comunicação que, muitas vezes, economizam palavras e até sentenças. De todo o volume de textos que foi analisado, como dito anteriormente, apenas onze deles estavam de acordo



com a NC. Os demais, apresentaram fenômenos diversos que serão descritos no decorrer dessa análise.

Em se tratando da LV, o que comprometeu a manutenção desses dois aspectos (coesão e coerência) foi a baixa frequência de acentuação, pontuação, concordância e regência nas produções escritas, além da não continuidade do discurso compatível com a mensagem inicial. A questão da manutenção do discurso pode ser atribuída ao volume de informações que são veiculadas durante a interação, o que faz com que vários assuntos estejam em pauta ao mesmo tempo concorrendo entre si para ocupar lugar de destaque durante a interlocução. A volatilidade do discurso virtual colabora com essa descontinuidade.

Os traços analisados da tabela 11 a seguir, representam uma parte de cada fenômeno encontrado. Cada coluna contém apenas uma amostra que exemplifica o que ocorre, como ocorre e quais os impactos desses achados na escrita desses alunos. Não houve repetição excessiva dos mesmos fenômenos (apesar da quantidade encontrada ter sido bastante elevada) para que não houvesse desgaste e redundância nas análises. O quantitativo por categoria encontrado foi informado na tabela 7. Coube nessa análise (tabela 11), descrever os fenômenos da maneira mais precisa possível.



Tabela 10- Traços da LV, Coesão e Coerência Textual

Transição de sentença	Dado coletado	Explicação do fenômeno
“ouvi varias noticia importante”	*Supressão da desinência /s/ plural;	* Marca de desinência /s/ de número em 1 elemento da sentença (geralmente no Adj. Adn.)
...” afetam as familia Brasileira”	* Uso indevido de maiúscula;	* Comprometimento da coesão e da coerência textual;
“...rede sociais vivendo em mundo paralelos...”	* Ausência de acentuação e pontuação;	* Manutenção da desinência ‘m’ no lugar da marca de plural ‘ns’.
...” as paisagem o canto dos passaro...”	* Supressão da desinência ‘ns’ plural;	
“Vai ter muitas oportunidade...”		
“... muitos desses que pratica...”	* Supressão da desinência de plural /m/	* Marcação do plural em alguns elementos da sentença;
“...a pessoas que usa ela...”		* Desvio de Concordância Verbal.
“Muitos jovens não sabe...”		
...” as facções criminosas se organize e ganha força...”	* Supressão da desinência de plural ‘m’ nos verbos-organize/ganha;	* Entendimento de que a marca de plural no sujeito é suficiente;
”crianças cresce respeitando...”	* Troca de desinência pessoal do verbo ganhar - “e” por “a”	* Ausência de concordância Verbal.
...” não queremos velos tristes...”	* junção do verbo ao pronome (velos)	* Desvio quanto à colocação pronominal- (ênclise)
...” para acaba com a pobreza...”	* Ausência de acentuação	
...” joga bola, cuida de sua saúde...”	* Supressão do /r/ de infinitivo final dos verbos;	* Supressão da marca de infinitivo /r/;
“...me ensina a valorizar me também...”	* Uso indevido do pronome oblíquo ‘me’;	* Desvio quanto à colocação pronominal (ênclise)
...pensariam antes de oratica esse ato ...”		
...” gosto de pratica esporte, estuda...”		
“... conhecer uma pessoa assim.”	* Acréscimo indevido do /r/ no verbo;	* Uso indevido de marca de infinitivo /r/ com verbo na 1ª pessoa do singular;
“...essa geração daqui alguns anos.”	* Acréscimo indevido do /r/ em contração de preposição + Advérbio (de+aqui)	* Uso de marca de infinitivo verbal /r/ em outra classe gramatical.
“e ai amiggggg td bem.”	* Repetição de consoante /g/ /s/ /d/ /s/	* Alongamento da consoante como marca de prosódia.
“bjuss em tds vcs.”		
“sdds de vcs tds”		

Fonte: Dados da pesquisa, 2020



Outra característica encontrada nos textos virtuais analisados foi uma série de recursos utilizados para acentuar as marcas de prosódia existentes no discurso. Sabe-se que essa marcação usualmente é feita através do emprego dos sinais de pontuação (marcadores prosódicos gráficos). Nos textos envolvidos nesta pesquisa, essa marcação foi desenvolvida de três maneiras: alongamento das vogais, alongamento dos sinais de pontuação e uso de maiúsculas. Muitas vezes, mais de um desses recursos foram utilizados com esse mesmo objetivo. Segundo Pacheco (2017, apud SILVA, 2019 P.46), a utilização desses sinais de pontuação de forma combinada ou excedendo a quantidade para cada sentença, remete a vários comportamentos prosódicos que indicam sentimentos de raiva, alegria, tristeza entre outros. As vogais alongadas e o uso das maiúsculas, nesses textos virtuais, também assumem essa característica descrita pelo autor. Seguem exemplos desses fenômenos na tabela abaixo:



Tabela 11- Marcadores de Prosódia e recursos gráficos

<p>“ e aiiii, td bem com vcs?”</p> <p>“ valeuuuuuuu galera.”</p> <p>“adooooooooo dançar”</p> <p>“ gosto muitooooooooo”</p> <p>“.. . paraaaaaaah td”</p>	<p>* Repetição da vogal /i/ /u/ /o/ /a/ seguida de /h/</p>	<p>* Alongamento de vogal como marca de prosódia.</p>
<p>“ td bem cm vcs?????”</p> <p>“ caso serio viu!!!”</p>	<p>* Repetição de sinal de pontuação.</p> <p>?- Interrogação</p> <p>!- Exclamação</p>	<p>* Alongamento de sinal de pontuação como marca de prosódia.</p>
<p>“ NÃO grite cmg...”</p> <p>“ EITA MISERA!!!”</p> <p>“ ontem não HOJE”</p>	<p>* Uso de maiúscula de forma premeditada.</p>	<p>* Uso de maiúscula como marca de prosódia.</p>
	<p>Figuras ilustrativas (dezenas de emojis figuram os textos virtuais)</p> <p>* Apenas exemplificação do recurso.</p>	<p>* Recurso gráfico visual usado para enfatizar mensagem e sentimentos do interlocutor;</p> <p>* Muitas vezes substituindo palavras ou sentenças.</p> <p>* Encontrado em quase todos os textos virtuais analisados.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2020



O uso de maiúsculas nos textos virtuais serve muito mais ao propósito de enfatizar a entonação de voz (segundo informações dos alunos que fizeram parte da amostra) do que informar nome de pessoas, lugares ou iniciar sentenças como preconiza a NC. Geralmente, o interlocutor expressa alteração de humor através desse recurso. Observou-se também que os sinais de pontuação são negligenciados na produção escrita desses jovens, assume outro papel nos ambientes virtuais e isso pode levar ao entendimento de que regras específicas estão sendo seguidas para utilização desse recurso da norma culta.

Mais uma vez, nota-se a importância do estudo comparativo dessas linguagens no ambiente escolar. Se esses jovens têm condições de fazer essas inferências durante a interação em seus ambientes em tão curto espaço de pergunta e resposta, certamente teriam condições de entender o funcionamento da NC, se a abordagem primasse pela descrição e não pela apreensão metalinguística, como Possenti (1996) explicou muito apropriadamente.

Além dos fenômenos encontrados em maior quantidade, descreveu-se algumas ocorrências menos recorrentes que também merecem considerações neste estudo, por influenciarem na qualidade dos textos escritos desses alunos comprometendo aspectos que foram discutidos ao longo das análises anteriores. Questões como ortografia, separação silábica, uso indevido ou ausência de uso de maiúsculas e minúsculas, uso de linguagem coloquial e estrangeirismos nos dois



ambientes de escrita foram encontradas em menor quantidade, mas figuraram em muitos textos.

Os erros de ortografia, separação silábica e inaptidão para diferenciar o uso de letras maiúsculas e minúsculas, levam ao entendimento de que essa dificuldade se deve a uma base escolar ineficiente que não conseguiu estabelecer essas regras como primárias para o início do desenvolvimento de uma boa produção escrita. Os demais casos (linguagem coloquial, uso de estrangeirismos, gírias etc) demonstram uma certa despreocupação com a estética normativa que preconiza o uso de uma linguagem mais formal em textos escritos e aproxima essas produções da linguagem falada e da linguagem das redes sociais (LV).

Um dado importante sobre todos os fenômenos encontrados nesse estudo é, que cada vez mais, a atividade de leitura e produção escrita está, para esses jovens alunos, diretamente ligada às mídias digitais. Boa parte deles, realizam essas atividades constantemente em seus smartphones, computadores e afins e só utilizam papel e caneta quando solicitados no ambiente escolar. A mudança no ambiente de escrita (do papel para a tela digital) determina que tipo de comportamento linguístico será desenvolvido no momento da produção.

Essa constatação reforça a necessidade de adequação dos currículos escolares para que a NC conviva com outras variedades de escrita como a LV e que cada uma seja utilizada de acordo com a necessidade de interlocução (formal ou coloquial). Há que se entender que



a escola deve prepará-los para serem aptos a produzirem bons textos em qualquer situação. Esse contato constante com a linguagem virtual, com a síntese de discurso característico desse ambiente e a “ausência” de discussão sobre esse assunto no ambiente da sala de aula, tem distanciando cada vez mais os alunos do contato com a NC. Esse distanciamento vem reforçando a manutenção de todos os fenômenos encontrados nos textos analisados e pode progredir de maneira negativa se não houver uma tomada de atitude por parte da escola enquanto instituição.

Entendeu-se que o material encontrado pode ser aproveitado pelos docentes de diversas maneiras a fim de encontrar um elo entre os dois tipos de textos, levando ao entendimento de que, para cada situação de interação, cabe um tipo de escolha; que, apesar das dificuldades relatadas pelos alunos ao longo do tempo escolar em relação à produção escrita, é necessário que compreendam que entender a NC é fundamental para que avancem em todas as etapas de aprendizagem. Conhecer a língua é uma das premissas para a compreensão de tudo quanto queiram aprender.

Diante desse cenário, a escola precisa incorporar o conceito de multiletramento e entender que a escrita virtual é uma realidade que faz parte da vida desses alunos. Quanto maior for o aproveitamento dessa situação nos planejamentos pedagógicos a fim de estabelecer conexão com a vivência de leitura e escrita desses jovens, maiores serão as chances de crescimento e adequação dos tipos de linguagens a cada ambiente de escrita.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o trabalho de pesquisa, constatou-se que a linguagem culta tem convivido cada vez mais com outras variedades de textos nos ambientes virtuais de interação. Essa nova realidade de comunicação que está posta, trouxe um tipo de construção textual que poderia estar sendo influenciada por esses novos espaços de escrita e pela nova configuração de discurso que prioriza o tempo de interação e a manutenção constante desse diálogo. Por isso, a importância de estudar sobre a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio.

Diante dessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo geral avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio. Verifica-se que o objetivo geral foi atendido pois o trabalho conseguiu identificar e descrever todos os fenômenos característicos desse tipo de linguagem virtual e como essas ocorrências têm influenciado na construção escrita desses alunos do ensino médio através de todo o material que foi analisado conforme apresentação descrita na tabela 1.

O objetivo específico inicial foi identificar os diferentes usos que os alunos do Ensino Médio fazem da língua nos textos escritos formais e



virtuais (redes sociais) e esse objetivo foi alcançado com uma análise comparativa dos textos escolares e virtuais dos alunos, identificando se os mesmos tinham consciência de como e onde usar cada tipo de construção escrita. Observou-se a adequação na utilização dos dois tipos de linguagem (formal e virtual) e, mais uma vez, constatou-se que os fenômenos da linguagem virtual ocorriam nos dois ambientes de escrita. Essa informação pode ser verificada através dos dados apresentados na tabela 4 e nas tabelas 3,6,7 e 8.

O segundo objetivo foi descrever os aspectos positivos e negativos do uso da linguagem das redes sociais na construção da escrita dos textos virtuais dos alunos do Ensino Médio. Essa meta foi atendida através da coleta de dados com os docentes e coordenadores pedagógicos que elencaram e justificaram todos os pontos positivos e negativos dessa influência na aprendizagem e uso que os alunos estão fazendo da norma culta e da linguagem virtual dentro e fora do espaço escolar. A tabela 2 detalha todos os aspectos positivos e negativos dessa influência, com maior ênfase para os negativos que, segundo a opinião dessa categoria, trazem mais prejuízos que benefícios à aprendizagem da NC.

O terceiro objetivo específico foi analisar o fenômeno da supressão vocálica e da consonantização das palavras nos textos escritos virtuais dos alunos do Ensino Médio em suas redes sociais. Essa característica da escrita virtual foi integralmente verificada através da análise das inúmeras ocorrências de palavras que sofreram essas alterações durante a interação escrita nesses ambientes com exemplificação e



descrição de quais elementos foram suprimidos ou acrescidos nesses vocábulos nas tabelas 2 e 3 e nas tabelas 6,7 e 8.

O quarto objetivo da pesquisa foi avaliar a percepção dos docentes quanto à interferência das redes sociais na linguagem culta dos alunos do Ensino Médio. Esse fenômeno foi descrito através da análise de textos construídos a partir de propostas escolares onde os traços da linguagem virtual não deveriam estar presentes e, mesmo assim, foram constatadas inúmeras ocorrências dessa variedade, o que confirmou mais uma vez, que os ambientes de escrita não estão sendo considerados como prioridade na escolha da linguagem que será utilizada em cada um desses espaços. A tabela 4 delibera sobre como os docentes compreendem o ensino de língua de maneira multidisciplinar e quais caminhos devem ser seguidos para que haja adequação à nova realidade de escrita desses alunos levando em consideração a importância da NC para o futuro de cada um deles.

O quinto e último objetivo específico a ser verificado na pesquisa foi descrever os tipos de interferências da linguagem das Redes Sociais mais recorrentes nos textos escritos formais dos alunos do Ensino Médio. (ortografia, Regência, Concordância etc). O objetivo proposto foi atendido, pois muitos textos escritos no ambiente escolar foram coletados, analisados e constatou-se que vários aspectos específicos da linguagem virtual que fogem aos padrões normativos foram encontrados, a exemplo de características da linguagem coloquial e da fala, uso de recursos gráficos (emojis), presentes no discurso escrito dos alunos, levando ao comprometimento da produção textual.



A pesquisa partiu da hipótese principal (H_0) de que a linguagem utilizada nas redes sociais influencia no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio. A mesma foi testada e confirmada através de todos os instrumentos de coleta utilizados para identificar, descrever e analisar esses fenômenos nos dois ambientes estudados (formal e virtual), conforme descrição na tabela 1 e figura 2.

Após a confirmação da hipótese testada, verificou-se que o problema de pesquisa como avaliar a influência que a linguagem utilizada nas redes sociais tem no aprendizado da escrita da norma culta da Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Médio foi respondido integralmente devido à metodologia que foi empregada na coleta dos dados comprovados em toda a análise através dos instrumentos gráficos que apresentaram de forma qualitativa e quantitativa todos os fenômenos que determinaram a presença de traços da LV na escrita dos alunos do ensino médio.

Identificou-se através da pesquisa que os docentes têm plena consciência de que há uma nova realidade escrita transitando pelo espaço escolar e que essa variedade continua sendo ignorada, pois ainda não houve nenhum tipo de sistematização para incorporar ao currículo a modalidade virtual ao menos com foco comparativo em relação à norma culta.

Segundo essa categoria, através da análise que aponta mais “prejuízos” que “benefícios”, nos moldes em que ocorre, essa variedade



virtual preserva a deficiência dos alunos em relação ao conhecimento e uso efetivo da gramática normativa, quando poderia estar sendo utilizada como ferramenta de adequação de ambiente e de comparação de estruturas de escrita que têm em comum manter a comunicação mas difere em muito em suas estruturas sintáticas.

A consciência de que alguma posição deve ser tomada em relação às mudanças no ensino de língua e da necessidade de adaptação à nova realidade escrita foi quase unânime entre os docentes pela constatação de que esses traços da linguagem virtual têm ocorrido com uma frequência muito grande no ambiente formal de aprendizagem (escola), onde, em tese, não deveria acontecer.

Quanto às produções textuais dos alunos do ensino médio, percebe-se pela verificação dos dados coletados que um percentual muito baixo, apenas 6% dos textos analisados, não apresentou nenhum tipo de ocorrência da linguagem virtual. Isso confirma a hipótese inicial de que está havendo influência dessa modalidade nas construções escritas independente do ambiente em que elas ocorrem. Um dado importante a ser acrescentado é que esses mesmos estudantes declararam que preferem a linguagem virtual à linguagem culta devido às facilidades que encontram para manter uma comunicação satisfatória com seus pares sem muita preocupação com regras complexas da norma padrão e pela possibilidade de utilizar outros recursos gráficos (emoji, emoticon fotos, links) para enfatizar momentos do discurso. O que na escrita culta só é possível através da coesão, coerência e do uso adequado de recursos sintáticos.



Ainda há muito a se desvendar nesses ambientes virtuais de interação e, futuramente, é necessário que um levantamento documental mais extenso dessas redes sociais seja feito, com uma amostra de textos significativamente maior a fim de coletar mais ocorrências, fazer a separação por categoria e tipo de ambiente virtual de interação, a procura de eventuais traços que caracterizem cada espaço de escrita, partindo do pressuposto de que essa linguagem vai continuar acompanhando todas as mudanças de maneira diacrônica e, conseqüentemente, agregando mais tipos de traços nas construções escritas desses jovens.

Recomenda-se que o poder público, através de políticas educacionais adequadas à realidade tecnológica, desenvolva ações para dinamizar os currículos escolares no sentido de incorporar essa variedade virtual e outras linguagens como mediadoras entre a norma culta e esses outros discursos que necessitam ser entendidos em todos os ambientes por um número maior de leitores. Isso possibilitaria dar ao ensino de língua portuguesa a importância que merece por entender sua natureza dinâmica, social e política, dando aos seus usuários (neste caso, os alunos), a condição de saber onde, como e quando utilizar cada tipo de variedade linguística. Dessa forma, finalmente, poder-se-ia falar em “escritor” ideal da língua, aquele que tem condição de transitar por todos os ambientes fazendo todas as adequações necessárias ao entendimento e para o uso efetivo da norma culta e suas variedades.



REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- ARAÚJO, J.C.; RODRIGUES, B.B. **Interação na Internet**: Novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERNARDES, A.S.; CUNHA, P.V. ET AL. **A Leitura e a Escrita no Ciberespaço**:
Uma discussão a partir do conceito de gênero discursivo em Bakhtin. Rio de Janeiro: [s.n], 2003.
- CABELLO, A. R. G. Linguagens Especiais: Realidade Linguística Operante. **UNILETRAS**, São Paulo, Dez. 2002. ISSN 24.
- CAMACHO, R. G. **O Sistema Escolar e o Ensino de Língua portuguesa**. São Paulo: Alfa, 1985. 29 p.
- CAMACHO, R.G. **Conflito entre Norma e Diversidade Dialetal no Ensino de Língua Portuguesa**. UNESP. Araraquara. 1984.
- CAMACHO, R.G. Norma Culta e Variedades Linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação de professores didática geral. **UNESP-**, São Paulo, p. 34-49, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf>.
- CARMO, H.; FERREIRA, M.M. **Metodologia da Investigação**: Guia para autoaprendizagem. Lisboa: Cidade Aberta, 1998.
- DMITRUK, H. B. (ORG.). **Cadernos Metodológicos**: diretrizes da metodologia científica. 5. ed. Chapecó: Argos, 2001. 123. p.
- GNERRE, M. **Linguagem Escrita e Poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.



LAKATOS, M. E. **Fundamentos da Metodologia Científica 1**: Marina de Andrade Marconi. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LÈVY, P. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Cyberculture, 1999. 34 p.

MACHADO, L.Z. **Estado, Escola e Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. **Hipertextos e Gêneros Digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MONTEIRO, R.DOS S.; TRINDADE, U.C.M. DA. **Manual de Dissertações e Teses: Estruturas, Normas e Formatações**. Faculdade UNIFUTURO. João Pessoa, p. 85. 2019.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRATA, C. A escrita no pensamento de Vilém Flusser. **Revista Brasileira de Historia da Mídia (RBHM)**, [s.l.], v. 4, julho 2015. ISSN 2. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2305679-A-escrita-no-pensamento-de-vilem-flusser.html>>. Acesso em: 28 jun 2020.

RIBEIRO, A. E. **Novas Tecnologias para Ler e Escrever**: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: [s.n.], 2012.

RODRIGUES, R.S.V. **Saussure e a Definição de Língua como Objeto de Estudos**. Goiás: Revel, 2008.

SÁ, O. Linguagens Líquidas e Literatura. **Kaliópe**, São Paulo, p. 31-36, jan/jun 2009. ISSN 1.

SALOMÃO, A.C.B. **Variação e Mudança Linguística**: panorama e perspectiva da sociolinguística variacionista no Brasil. São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.

SAMPIERI, R. H. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na Era da modernidade**. São Paulo: Paulus, 2007.



SANTOS, M.E.P. Linguagens Híbridas. **Trama**, Marechal Cândido Rondon - Paraná, v. 4, n. 7, p. 159-165, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/2368>>. Acesso em: 27 junho 2020.

SILVA, A.V. **Os Marcadores de Prosódia na História em Quadrinho Laços**. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, p. 100. 2019.

SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I.V. (ORG.). **Linguagem, Educação e Virtualidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.



LISTA DE TABELAS

TABELA 1- SÍNTESE DA ANÁLISE DA VISÃO DOCENTE.....	88
TABELA 2- REDES SOCIAIS: INFLUÊNCIA E PRODUÇÃO ESCRITA.....	91
TABELA 3- DESCRIÇÃO DOS TRAÇOS VIRTUAIS	96
TABELA 4- VISÃO DOCENTE X ENSINO DE LÍNGUA (NC).....	97
TABELA 5- PERFIL QUANTO AOS RECURSOS E CONDIÇÕES DE ACESSO	102
TABELA 6- CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
TABELA 7- PRINCIPAIS TRAÇOS DA LV NOS TEXTOS ESCRITOS.	105
TABELA 8- FENÔMENOS ESCRITOS X CORRELAÇÃO COM A LV	106
TABELA 9- SUPRESSÃO VOCÁLICA X CONSONANTIZAÇÃO.....	107
TABELA 10- ABREVIATURAS E REDUÇÕES ORTOGRÁFICAS	110
TABELA 11- TRAÇOS DA LV, COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL.....	113
TABELA 12- MARCADORES DE PROSÓDIA E RECURSOS GRÁFICOS	115

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- PERCENTUAL DE DISCUSSÃO/RELATO DOCENTE SOBRE O TEMA	89
GRÁFICO 2- RELAÇÃO DOCENTE X PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA (ALUNOS)	90
GRÁFICO 3- AÇÃO ESCOLAR X INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS.....	92
GRÁFICO 4- PLANEJAMENTO DOCENTE E LINGUAGEM VIRTUAL	94
GRÁFICO 5- AMBIENTES DE ESCRITA X ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA.....	95
GRÁFICO 6- ALUNOS X TEMPO DE USO.....	101
GRÁFICO 7- TEXTOS A (SEM OCORRÊNCIAS) X TEXTOS COM LV	104



AUTORA



SIMONE NETO DE SANTANA OLIVEIRA tem mestrado em Educação Global pela Florida Christian University. Especialista em Texto e Gramática pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Curso de Extensão em Gestão Escolar pelo Instituto Anísio Teixeira- IAT-BA. Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente é Gestora Escolar da Rede Estadual da Bahia, revisora de textos e Pesquisadora do GCET- Grupo de Cultura e Estudos em Turismo.



O **GCET – Grupo de Cultura e Estudos em Turismo**, ligado ao Departamento de Turismo e Hotelaria (DTH) do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), faz parte da UFPB-Universidade Federal da Paraíba, e do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Tem o intuito de apresentar temáticas plurais, com foco nas questões de interesse acadêmico e empresarial, contribuindo para uma melhor compreensão do Turismo e da Hotelaria, no contexto do patrimônio cultural, impactos socioculturais, econômicos e ambientais, globalização, relações interculturais e comportamento do turista.

Acompanhe o GCET pelas redes sociais

Instagram: **@GCET**

Facebook: **@GrupoGcet**

YouTube: **GCET OFICIAL**

Academia.edu: **GCET UFPB**

Site GCET: **<https://www.ufpb.br/gcet>**

Para conhecer as outras publicações *open access* acesse nosso catálogo pelo linktree: [Linktr.ee/grupogcet](https://linktr.ee/grupogcet)

